



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RIVELINO ANTONIO DA SILVA

REFLEXÕES SOBRE A FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Amargosa-Bahia
2022

RIVELINO ANTONIO DA SILVA

REFLEXÕES SOBRE A FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como obtenção do título Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mariana Martins de Meireles

Amargosa - Bahia
2022

RIVELINO ANTONIO DA SILVA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.

Mariana Martins de Meireles

Mariana Martins de Meireles – Orientadora

Doutora em Educação e Contemporaneidade - UNEB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Maria Eurácia B. de Andrade

Maria Eurácia Barreto de Andrade – Examinador 02

Doutora em Educação - Universidad Americana
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Fernando Henrique Tisque dos Santos

Fernando Henrique Tisque dos Santos- Examinador 02

Doutorado em Educação - USP
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Amargosa, 01 de agosto de 2022.

Dedico a meus pais, Delmira Maria da Silva (em memória) e Demetrio Antonio da Silva, por terem cuidado tão bem de mim, me conduzindo a ser um cidadão de bem. Agradeço principalmente a minha mãe que não mediu esforços para me colocar para estudar e fez de tudo para eu permanecer estudando. Hoje chego a mais um degrau, conquisto a Graduação em Pedagogia.

AGRADECIMENTOS

Quero deixar aqui os meus sinceros agradecimentos:

Primeiramente a Deus, por me proporcionar esse momento tão importante, me dando força, coragem e perseverança para chegar até o final.

A minha família: Laurinda (esposa) e Larissa e Lorena (filhas), pela paciência, apoio e incentivo em todos os momentos da minha jornada acadêmica, as quais muito me ajudaram para eu não desistir.

A minha orientadora, a Professora Dra. Mariana Martins de Meireles, pela excelente orientação e colaboração para a realização deste trabalho.

Aos professores da Banca, Maria Euracia e Fernando Tisque por aceitarem nosso convite.

Agradeço também a todos que contribuíram direto ou indiretamente para realização desta graduação.

SILVA, Rivelino Antonio da. **Reflexões sobre a figura masculina na educação infantil.** Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, Amargosa, 2022, p. 60.

RESUMO

O presente estudo monográfico apresenta reflexões sobre a presença da figura masculina na educação infantil. Para tanto, buscou apresentar aspectos históricos sobre a presença da figura masculina na educação infantil, investigar representações dos pedagogos e futuros pedagogos sobre figura masculina na educação infantil com vistas a analisar as representações dos pedagogos e futuros pedagogos sobre figura masculina na educação infantil. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se desenvolveu através de uma abordagem qualitativa mediante o uso de questionários onlines gerados *Google Forms*. Os questionários foram elaborados de acordo com um roteiro de perguntas que se organizaram a partir do problema e dos objetivos traçados para esta investigação. Os colaboradores deste estudo foram estudantes do sexo masculino, devidamente matriculados no Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da UFRB e, também, professores do sexo masculino que atuam em creches de rede municipal de ensino do estado da Bahia. Os dados recolhidos mediante os questionários foram organizados a partir da perspectiva da análise de conteúdo. Assim sendo, após a leitura do material, organizou-se inicialmente o registro de gráficos das questões fechadas e em seguida foram levantadas as categorias de análise no âmbito das questões abertas. Em notas conclusivas, a pesquisa proporcionou trazer em pauta a temática reflexões sobre a figura masculina na Educação Infantil e criar a percepção e reflexão de que ainda o preconceito se faz presente, visto que a sociedade ainda associa funções profissionais ao gênero, quando na verdade o que deve ser levado em conta é a responsabilidade e o profissionalismos dos professores. O estudo revelou que a presença do professor do sexo masculino na Educação Infantil atualmente tem sido permitida através da criação de concursos públicos que os deram a possibilidade de exercer o magistério, porém ainda há discriminações causadas por gênero nesse espaço. Ainda de acordo com a pesquisa realizada, é possível inferir que apesar dos estudantes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFRB enfrentarem preconceitos por questões relacionadas a gênero, uma grande parcela deles tenciona seguir a profissão encarando obstáculos e resistindo contra a discriminação ainda existentes na escola e na sociedade. De acordo com os relatos, é possível perceber que a visão a respeito da presença da figura masculina na educação infantil é heterogênea e sustentada por certa crítica, contradizendo, de algum modo, com a visão construída socialmente sobre estes profissionais.

Palavras-chaves: Educação Infantil; Figura masculina; Pedagogia

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: IDADE DOS COLABORADORES	27
GRÁFICO 2: SEMESTRE QUE ESTÃO CURSANDO	28
GRÁFICO 3: ÁREA QUE PRETENDE ATUAR COMO PEDAGOGO	28
GRÁFICO 4: EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE EDUCAÇÃO	29
GRÁFICO 5: ATUAÇÃO DOS PROFESSORES	46
GRÁFICO 6: TEMPO DE EXPERIÊNCIA	47
GRÁFICO 7: ÁREA DE ATUAÇÃO	47

SUMÁRIO

RELATO (AUTO)BIOGRÁFICO	09
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
I. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	13
1.1 Aspectos históricos sobre a profissão docente no Brasil	13
1.2 Aspectos históricos sobre a Educação Infantil no Brasil	15
1.3 Aspectos sobre a figura masculina na Educação Infantil	17
II. PERCURSO METODOLÓGICO	21
2.1 Paradigmas Científicos e a Pesquisa Qualitativa	21
2.2 Instrumento de Coleta de dados e Colaboradores da Pesquisa	24
III. ANÁLISE DE DADOS	27
3.1 A figura masculina na Educação Infantil: Reflexões dos pedagogos em formação	27
3.2 A figura masculina na Educação Infantil: Reflexões dos professores em exercício	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	56
ANEXO	60

RELATO (AUTO)BIOGRÁFICO

Me chamo Rivelino Antonio da Silva, nasci em 1973, na localidade de Laceavenha, Zona rural do município de Brejões-BA. Assim, devido ao fato de morar longe da escola e os meus pais serem lavradores, precisava andar cerca de 3 Km para chegar à cidade onde comecei a ser alfabetizado, aos 7 anos, pela professora Deise Soraia, na Escola Teobaldo Sampaio onde estudei até a quarta série. Apesar da pouca idade, estudava pela manhã e, no período da tarde, colhia café para contribuir na renda familiar. Dessa maneira, apenas depois de cumprir a tarefa do dia na colheita do café, tinha tempo para fazer as atividades que a professora passava para casa.

No sítio, a aquisição dos requisitos básicos para o estudo era dificultosa, pois para adquirir os recursos minha mãe criava galinhas e vendia os ovos e, devido à necessidade de comprar o material escolar e o fardamento para mim e para meus outros dois irmãos, além dos gastos básicos mensais, o dinheiro adquirido era insuficiente. Por isso, a bolsa para levar o material era um saco de pano conhecido como embornal.

Aos 11 anos, me mudei para a cidade, pois meu pai vendeu o sítio onde morávamos. Sem galinhas para vender os ovos, minha mãe colocou uma barraquinha na feira livre onde vendia alguns produtos alimentícios para garantir a renda e, conseqüentemente, fomentar os estudos. Contudo, meus irmãos mais velhos desistiram de estudar e não se dispuseram a vender esses produtos na feira local. Por isso, toda sexta-feira a noite, eu ia com minha mãe armar a barraquinha de madeira coberta de lona para, no Sábado, vendermos os gêneros alimentícios e adquirir os recursos que serviam tanto para ajudar no sustento da casa, quanto para comprar o meu material escolar.

A partir da quinta série, estudei no Colégio Góes Calmon, onde conclui o Ensino Fundamental e o Médio e me formei em Magistério no final de 1993. Após a conclusão do segundo grau, não tive oportunidade de trabalho na área, então busquei emprego em outros setores. Por isso, trabalhei em farmácia, na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, fiz bico e também, posteriormente, cobrador de ônibus. Somente 13 anos após a conclusão do Ensino Médio, em 2006, tive a oportunidade de lecionar uma classe de multisseriada, na Zona Rural de Amargosa. Sem transporte, precisava andar 16 Km para chegar a escola, onde só havia uma sala na escola que malmente dava para acomodar as crianças.

Em 2012, fiz concurso para Assistente de Classe em Amargosa. Entretanto, apesar de passar, a Gestão da época não me convocou, então coloquei na Justiça. Um ano depois, ingressei na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), para cursar Pedagogia, com o fito de continuar em sala de aula e me preparar melhor para contribuir com a formação dos educandos. Por essa razão, durante o dia trabalhava e à noite estudava na Universidade. Por vezes, precisei trancar o semestre para cuidar da família, por exemplo, uma vez que minha esposa foi acometida de trombose.

Em 2017, ganhei na justiça e fui chamado como Assistente de Classe. Iniciei o trabalho em uma das Creches de Amargosa. No início, a direção da Creche me direcionou para eu fazer oficinas e atender todas as salas da creche. Posteriormente, me colocou para atuar com outra colega em uma sala de crianças com 1 ano e meio e, sempre que precisava, eu ajudava em outras salas. Então, dava banho nas crianças, alimentava e colocava para dormir.

Quando já estava adaptado na rotina de uma creche, em 2018, fui transferido para outra. Ao chegar lá, fui rejeitado até mesmo pelas colegas, pelo fato de ser um homem atuando em uma profissão majoritariamente feminina. Todavia, apesar do preconceito, a direção me colocou para trabalhar em uma turminha de 1 ano até 1 ano e 4 meses. Assim, fiquei responsável pelo banho nos meninos e pela alimentação e dormida das crianças de ambos os sexos.

Contudo, houve uma resistência da parte dos pais que não queriam que eu tivesse qualquer contato com as crianças. Por essa razão, sofri ameaças de alguns deles, diziam que iriam colocar nas redes sociais que não aceitavam minha permanência na sala de aula, além de recorrerem aos Vereadores para me tirarem. Porém, não obtiveram sucesso em suas tentativas, por eu ser concursado. Continuei a fazer o trabalho e os pais perceberam a boa conduta e profissionalismo com que exerço a função, até que aceitaram a permanência no trabalho.

Atualmente, trabalho com crianças de 1 ano a 1 ano e 5 meses, na mesma creche em que iniciei em 2018. Ademais, percebo que a minha inserção na creche abriu espaço para que outros educadores atuem na área, na cidade de Amargosa, pois, a comunidade acolheu recentemente, sem relutância, outro pedagogo, também do sexo masculino, na mesma creche em que trabalho. Que venham outros futuros!

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho apresenta reflexões sobre a presença da figura masculina na educação infantil. Inicialmente vale destacar que, a escolha pelo tema surge a partir da minha inserção enquanto estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e, também de inquietações mais recentes que atravessam a minha experiência profissional enquanto Assistente de Classe em uma creche situada no município de Amargosa-BA.

É de conhecimento popular a relutância em inserir profissionais do sexo masculino nos espaços escolares, sobretudo nas primeiras fases de escolarização das crianças. No imaginário social e mesmo na história da profissão docente é comum a definição de papéis de atuação para o feminino e o masculino, caracterizando assim, o cuidar e educar de crianças pequenas como uma função restritamente feminina.

Diante desse contexto, buscou-se nesta pesquisa situar características pertencentes ao imaginário social que atinge estudantes e professores do sexo masculino sobre a atuação profissional no contexto da Educação Infantil, uma vez que, o curso de Licenciatura em Pedagogia habilita profissionais para atuarem na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em vista disso, esta pesquisa organizou-se a partir da seguinte pergunta: *Qual a visão dos pedagogos e futuros pedagogos sobre a figura masculina na educação infantil?* No âmbito dos objetivos o trabalho pretendeu: 1) Apresentar aspectos históricos sobre a presença da figura masculina na educação infantil; 2) Investigar representações dos pedagogos e futuros pedagogos sobre figura masculina na educação infantil; 3) Analisar as representações dos pedagogos e futuros pedagogos sobre figura masculina na educação infantil

No que se refere a metodologia, optou-se por uma abordagem qualitativa de pesquisa com uso de questionário *on-line*, no formato semi-estruturado. O questionário foi destinado aos estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRB, bem como a professores que atuam em creche na rede municipal de ensino. A escolha por esta abordagem e por este instrumento de pesquisa reside na possibilidade de desenvolver uma análise mais subjetiva em relação ao tema, bem como na viabilidade de realização do estudo, especificamente no que tange a coleta de dados.

No campo teórico, este trabalho traz aspectos relacionados a História da profissão docente no Brasil com destaque para a História da educação infantil que se desdobra nas discussões a cerca da presença da figura masculina na educação infantil. Além de diferentes

autores que estudam e discutem estas temáticas, também se utilizou de documentos legais, a exemplo do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Este documento, por sua vez, define que:

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação. (RCNEI, 1998 p. 41).

Pelo exposto o, o exercício da docência na Educação Infantil não se restringe apenas a figura feminina, visto que, o perfil profissional definido pelo RCNEI não limita o cuidar e o educar da criança pequena à apenas um gênero, apresentando outras exigências para os professores que atuam ou pretendem atuar nesta etapa de ensino. Em razão da relevância desta discussão, reafirmamos com este trabalho a necessidade de ampliar os estudos sobre as questões de gênero e profissão docente, mais especificamente sobre a presença da figura masculina nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e suas possibilidades de atuação profissional. Ainda há muito o que discutir em relação ao imaginário construído, por isso, o que apresentamos nas páginas seguintes trata-se de um diagnóstico inicial da realidade onde esse estudo foi desenvolvido, podendo em outros momentos ser ampliado e aprofundado.

Este trabalho monográfico está organizado da seguinte forma: Considerações Iniciais, por meio da qual se apresenta a temática de estudos, as motivações, o problema de pesquisa e objetivos. O primeiro capítulo onde se estabelece um diálogo com as categorias teóricas e os respectivos autores que fundamentam o estudo. O segundo capítulo constam as perspectivas metodológicas adotadas para realização da pesquisa, com destaque para abordagem qualitativa e uso do questionário. O terceiro capítulo compreende o capítulo de análise de dados, neste capítulo expõe-se os dados extraídos dos questionários, esboçando-se uma análise sobre os mesmos. Por fim, constam as considerações finais e as referências.

I. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE NO BRASIL

Mediante contextos distintos, a identidade da profissão docente configura-se e concretiza-se. Dessa maneira, necessita-se avultar o olhar sobre a profissão docente, examinando-a em suas particularidades e em suas associações com o contexto sociocultural e político (LOPES, 2013). Por isso, conforme Stockmann (2018), é necessário conhecer os momentos históricos indispensáveis para a profissionalização docente: o espaço entre 1750 à 1834; o período a partir de 1930; o decurso após os anos de 1950.

A partir do século XVIII, conheceram-se características sistemáticas do ensino, que se enquadram como elementos para compreender a representatividade do ensino na sociedade brasileira nos séculos seguintes, como a sucessiva secularização da docência, a extensão dos investimentos e das redes, a responsabilidade com a profissionalização dos docentes, entre outros (STOCKMANN, 2018).

O fato do Brasil estar sob o domínio de Portugal, como sua colônia, entre os séculos XV e XIX e, após a independência, sustentar laços políticos com a Coroa Portuguesa, influenciou na concepção de educação daquela época. Nessa perspectiva, a pedagogia jesuítica consubstanciada no *Ratio Studiorum* (1599), entendida como método pelos jesuítas, assume centralidade, com a objetivo de expandir e instigar o espírito. Entretanto, pela inexistente mudança do ponto de vista didático-pedagógico nos duzentos anos a serviço da educação, os jesuítas foram expulsos pelo Marquês de Pombal, que prometia provocar mudanças profundas na educação da Colônia (LOPES, 2016).

Posteriormente, no século XIX, o modelo lancasteriano se caracterizou como uma inovação na organização das salas de aula, pelo fato do ensino passar a assumir um caráter coletivo e isso influenciou a forma de conduzir a dinâmica do trabalho. Assim, segundo Costa, Silva, Bessa e Caldas (2022) “o método Lancaster parecia resolver o problema da implantação de escolas e da formação de professores, pois atendia à necessidade da população e resolvia o problema da falta de professores”. Logo, o processo de profissionalização docente se deu à medida que o Estado foi assumindo a função de organizar os sistemas escolares.

Entre os anos de 1827 e 1930, há êxitos e alterações do ponto de vista da profissionalização e, simultaneamente, do âmbito laboral. A queda do Império e a mudança

para a República não sucedeu sem alterações para o serviço público de ensino. Nesse sentido, as especificações laborais sustentaram o conceito de profissão ao trabalho de ensino (STOCKMANN, 2018). Por isso, a primeira metade do século XIX, e o pós-década de 30 do século proporcionam uma visão geral da consolidação da profissão. Assim, consoante Almeida (2018):

O debate transcorrido nas décadas de 1920 e 1930 sobre o ensino primário girava em torno do seu caráter: se deveria estar a serviço do processo de alfabetização em massa ou ater-se ao preparo para o ensino secundário; estar voltado para a formação do aluno em seu aspecto moral e social ou privilegiar a formação técnica. Os educadores escolanovistas da primeira metade do século XX defendiam uma educação voltada para a formação moral e disciplinar do aluno, para a integração entre as camadas sociais e para a constituição da identidade nacional (ALMEIDA, 2018).

Com a ascensão de Getúlio Vargas no poder, na década de 30, aconteceram transformações significativas na organização do ensino. Francisco Campos, primeiro-ministro da educação do Brasil, foi o responsável pela primeira modificação estrutural na educação brasileira, onde o ensino secundário, que abrangia os jovens entre 12 e 18 anos, foi estendido para 7 anos de duração (MEDEIROS, 2020). Nesse sentido, durante a gestão de Getúlio Vargas, tanto no período ditatorial quanto no democrático, transcorreu uma aproximação entre o processo das reformas educacionais e a urgência social de industrialização nacional.

Apesar das primeiras associações de professores, já existirem desde o primeiro quartel do século XX, com caráter beneficente, consoante Stockmannm (2018):

As primeiras organizações docentes encontram-se entre fins do século XIX e início do século XX. Pode se traçar como marco o anarco-sindicalismo, posteriormente o sindicalismo de Estado da Era Vargas e, por fim, o novo sindicalismo emergido em fins dos anos 1970. A transição do aspecto meramente lúdico (associações de professores) para o político-laboral (sindicatos) não se deu apenas como transformação do campo conceitual, haja vista que em alguns períodos a sindicalização fora proibida (como na ditadura militar de 1964), permitindo-se apenas a associação de professores (STOCKMANNM, 2018).

Portanto, nos aproximarmos da história da profissão docente no Brasil é imprescindível para enfrentar problemáticas do exercício e da formação de professores, nesta contemporaneidade, devido ao fato dos estudos históricos possibilitarem a compreensão das realidades educacionais como consequências do desempenho de sujeitos que se movem em função das urgências e conjunção de seu tempo. Ademais, nota-se que o magistério designa-se como uma classe de longa história, que influenciou, atualmente, na concepção de ofício de professor, por marcá-lo fortemente (LOPES, 2013).

1.2 ASPCETOS HISTÓRICOS SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

O desenvolvimento da Educação Infantil no Brasil não diferiu da história dos fundamentos educativos europeus. A educação proposta à criança foi tradicionalmente formada, por um lado, para as crianças burguesas e, por outro, para acolher as crianças que não poderiam ser cuidadas pelas próprias famílias (SILVA; SOUSA, 2017). Assim, no Brasil, o surgimento das ideias pedagógicas modernas advindas dos países ditos de primeiro mundo, perdurante os últimos do século XIX e abertura do século XX, fez com que juristas, religiosos, médicos, e intelectuais direcionassem seus pensamentos sobre a infância brasileira, sobretudo sobre a infância pobre. Devido ao objetivo de modernizar o país nos padrões europeus, a infância foi observada como um dos centrais objetos de atenção (NASCIMENTO, 2015).

Ao alternar-se entre o zelar e o educar, as particulares concepções coletivas sobre da finalidade de creches e pré-escolas fizeram com que o comprometimento por esses componentes da Educação Infantil atravessasse entre diversas esferas públicas, postergando a sua consolidação (FARIAS , 2021). Assim, segundo Silva e Souza (2017):

O objetivo em creches ou asilos, assim chamados em épocas remotas, possuía certo cunho educacional destinado à população mais pobre, esses espaços se configuraram, então, como instituições destinadas a uma educação específica para esse setor social da população, dirigida à submissão não só das famílias, mas também das crianças. Uma educação mais moral do que intelectual, o que assegurava sua baixa posição na sociedade sem condições de pensarem em suas realidades. Essa educação pobre para pobres, oferecida nestas instituições, portanto, não resguardaria o direito da criança e da família ao pleno desenvolvimento social (SILVA; SOUZA, 2017).

Nesse sentido, a recusa do Estado em se fazer presente na inauguração e funcionamento introdutório das instituições de assistência infantil provoca, por um extenso período, que este seja sucedido por entidades de essência filantrópica, religiosas e privadas, ou seja, sistemas alternativos conceberam-se visando atender as crianças das classes menos favorecidas. Todavia, mais tarde, a intenção de defender a infância incentivou a geração de diversas associações e instituições para atendê-la nas múltiplas dimensões, como direitos sociais e educação, saúde e subsistência (NASCIMENTO, 2015).

Nesse sentido, a mobilização dos movimentos sociais e as novas configurações legais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996 (LDBEN), o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990 (ECA) e a Constituição Federal, de 1988 (CF), foram

elementos que favoreceram o progresso das discussões em volta da educação infantil (FARIAS,2021), dado que, segundo Ramos (2011):

A educação infantil só foi efetivamente integrada à educação básica a partir de 1996, após promulgada a atual LDBEN (Lei N°. 9394) que, em seu artigo 4º, preconiza que o Estado tem dever com educação escolar pública e que essa será efetivada mediante a garantia de atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990) também destaca em seu artigo 53 o direito da criança de até seis anos de idade à educação em creches e pré-escolas. Juntamente com a LDBEN/9394, o ECA representa importante instrumento no campo da educação e do cuidado da criança pequena. Dessa forma, nos últimos 20 anos, as históricas reivindicações da sociedade civil pelo direito da educação da criança pequena alcançaram espaço e legitimidade no debate político e social (RAMOS, 2011).

Dessa maneira, essas leis caracterizam-se como consequências de anos de embates, estudos e averiguações, que asseveraram a legitimidade educacional da Educação Infantil. Contudo, a oscilação histórica sobre a origem das primeiras “instituições” que ambicionavam o zelo e a guarda de crianças, a questão do gênero feminino na execução desta função e o assistencialismo, foram e são vestígios históricos que vivenciaram numerosas mudanças com o suceder do tempo (SILVA; SOUZA, 2017). Sobre isso, Farias (2021) afirma que:

A Educação Infantil demorou para efetivar completamente o seu ingresso na educação. Percebe-se que a concepção assistencialista ainda era predominante. Por isso, na insuficiência de recursos, era comum a segmentação entre creches e pré-escolas, priorizando-se o atendimento às crianças mais velhas. Ademais, embora os estudos da época confirmassem a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento do indivíduo, houve resistência para que o orçamento fosse investido nesta etapa, já que a prioridade era a universalização do antigo Primeiro Grau (FARIAS,2021).

Portanto, as históricas protestações da sociedade civil pelo direito da educação da criança pequena conquistaram espaço e autenticidade na discussão política e social. As lutas sociais e os melhoramentos na estrutura de leis foram cruciais para a desenvolvimento do suporte à criança de zero a seis anos, em áreas educativas exteriores à família e, por conseguinte, proveram também a introdução de concursos públicos em municípios brasileiros (RAMOS, 2011).

1.3 ASPECTOS SOBRE A FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A receptividade da figura masculina em funções em que a participação feminina é majoritária não é positiva. Assim fomentam-se muitos preconceitos sociais e complexos desafios (OLIVEIRA et al., 2020). Por isso, na esfera de cuidado infantil, por ser um meio que se configurou tradicionalmente como um ambiente feminino, essa figura é de certo modo rejeitada até pela própria comunidade escolar. Nesse aspecto, segundo Böhm e Campos (2013):

Historicamente no Brasil, assistiu-se a um processo de feminização do magistério que dentre várias e complexas articulações, associou características tidas como femininas, quais sejam, gostar de criança, paciência, delicadeza e mesmo a maternidade como condição natural para desenvolver a educação e o cuidado dos pequenos, gerando como consequência o afastamento dos homens do dia a dia das instituições (BÖHM; CAMPOS, 2013).

Em razão disso, durante muito tempo, a educação das crianças pequenas foi vista como responsabilidade de suas famílias ou dos grupos sociais nos quais elas conviviam. Por um extenso período, não se achou nenhuma instituição determinada aos cuidados e à educação de meninos e meninas pequenas. Entretanto, exigem-se atribuições para assumir a função docente que vão além de competências e particulares que compreendam cuidados e afeto, dado que, nessa fase, a criança demanda de desenvolvimento, não podendo ficar à mercê de peculiaridades próprias (OLIVEIRA et al., 2020).

Nas creches, na pré-escola e nos anos iniciais do ensino fundamental, o ambiente docente é preponderantemente feminino. No entanto, a cada etapa do ensino regular amplia-se a participação dos homens. Exclusivamente na educação profissional localizar-se situação peculiar, pois há uma hegemonia de docentes do sexo masculino (BÖHM; CAMPOS, 2013). Nessa perspectiva, Gibim e Lessa (2011) afirmam que:

Quando se trata do universo educacional de crianças pequenas os dados são ainda mais impressionantes: nas Creches 97,9% das docentes são mulheres, enquanto 2,1% dos docentes são homens; na Educação Infantil 97% do quadro docente é formado por professoras e em Pré-Escolas o índice pouco se altera – apenas 3,9% dos professores são homens (GIBIM; LESSA, 2011).

Embora haja a presença preponderantemente feminina na docência hoje, os primeiros mestres das organizações escolares foram homens, em geral, religiosos, e, no Brasil, constituído pelos Jesuítas (BÖHM; CAMPOS, 2013). Dessa maneira, no passado, o currículo era retrato de uma sociedade completamente influenciada pelos homens que, com o suceder do tempo, foi

sendo desenvolvida uma educação que abrangesse também concepções femininas (SILVA, 2014). Assim, as perspectivas atribuídas ao modelo de docência foram sendo construídas ao longo da trajetória das mulheres como professoras, apesar da baixa remuneração salarial em função da discrepância no ensino de meninos e meninas. Nessa perspectiva, conforme Brito, Nascimento, Silva (2018):

Com o mundo industrializado e o capitalismo, foram refeitas as hierarquias de profissões e modificados os valores dados às atividades exercidas, com isso, o magistério, que antes era visto como uma área de grande valor começou a ser desvalorizado, um dos fatores para isto foi que, com a saída dos homens e aumento da participação feminina, houve degradação dos salários. A educação nesta época era destinada apenas aos homens de elite, sendo a mulher vista como inferior, tendo seu papel direcionado à condução da moral da ordem social e do trabalho de caráter filantrópico (BRITO; NASCIMENTO; SILVA, 2018).

Portanto, gradativamente, os homens começaram a desocupar o magistério em procura de maiores oportunidades de emprego, a urbanização e a industrialização contribuíram para a partida efetiva dos mesmos e estimularam o processo de feminização do magistério. Em consequência disso, na atualidade, são raramente encontrados homens em cursos de Pedagogia com disposição em educação infantil e séries iniciais. Mais excêntrico ainda é encontrá-los lecionando para séries iniciais e, sobretudo, na educação infantil (ARAÚJO; HAMMES, 2012).

A crítica estabelecida na década de 80 no Brasil com relação à função da pré-escola como introdutória da escola e, em simultâneo, a visão que observava na creche o local de “guarda”, simplesmente compensatória ou assistencial, foi primordial em re-significar e descrever fundamentos de cuidado e educação entre os profissionais de educação infantil. Nas narrativas e trajetórias masculinas de profissionais de Creche, apesar de a ideia de cuidar da criança como um tabu e da falsa polarização entre cuidado e educação, verifica-se que as diferentes masculinidades exprimem bem tais utilidades e que a “dupla presença” expandiu as concepções de professores (GIBIM; LESSA, 2011). Nesse sentido, consoante Oliveira et al. (2020):

No seu início, as creches foram criadas, em sua maioria, para atender as crianças de zero a seis anos de idade em período integral, vinculando-se aos sistemas de bem-estar social e políticas assistencialistas e compensatórias. Já as pré-escolas, atual Educação Infantil, foram criadas dentro do sistema educacional para o atendimento de crianças entre quatro e seis anos de idade, tendo seu funcionamento em período parcial, com o propósito de preparar as crianças para o processo de escolarização. Tais instituições surgiram a partir das mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade. Pela incorporação da mulher ao trabalho assalariado, houve

uma reorganização das famílias. Assim, homens e mulheres passaram também a assumir novos papéis na relação entre os sexos (OLIVEIRA et al., 2020) .

Entretanto, a Educação Infantil deixou de ser um aglomerado de organizações caritativas e filantrópicas, para ser compreendida como o primeiro ciclo da Educação Básica e de aprendizado ao longo da vida. Mesmo transcorrendo por essa transformação e conquista de espaço e reconhecimento, um dos desafios atuais é a assiduidade do gênero feminino, quase que absoluta, nas instituições ser excedente à do gênero masculino ligada e ao preconceito em relação aos homens que se aplicam ao trabalho com crianças pequenas. Além de enfrentarem o fato de que cuidar de crianças seja um cargo particular da mulher, na maioria das vezes, ainda tem posicionado sob suspeita a sua orientação sexual ou sofrem com represálias por parte de alguns pais, apreensivos de que seus filhos, em especial, meninas, vivenciem algum tipo de abuso (ARAUJO; HAMMES, 2012).

Conforme Silva (2014):

Esse profissional mesmo apresentando uma boa formação acadêmica dificilmente consegue trabalhar nesta área a não ser que seja através de concurso público, mesmo assim, tendo que lidar com preconceitos, tendo que provar diariamente sua capacidade e “verdadeiras intenções” devido a estar atuando junto às crianças de pouca idade, enfrentando várias reações negativas dos pais, as críticas do corpo docente da escola, o modo como a sociedade o vê, e questões relacionadas ao cuidar e o ensinar (SILVA, 2014).

Com vista nisso, nota-se que este profissional está no centro dos olhares preconceituosos que questionam a sua capacidade e sexualidade, estimulando inquietação, constrangimento e outras emoções, originando indagações e pensamentos a cerca de si mesmo, de seu trabalho e da sua didática. Todavia o interesse, o amor, o zelo e o interesse em eliminar barreiras e preconceitos fazem os professores homens que atuam com crianças pequenas se aplicarem e desempenharem com honra o seu trabalho.

De modo geral, observa-se certa limitação e estranhamento por parte das escolas quanto aos profissionais do sexo masculino que atuam na educação infantil. Segundo Araujo e Hammes (2012):

Grande parte da sociedade entende que, quem está mais preparado para ser o educador de seus filhos no período da educação infantil, são somente as mulheres e que, apenas elas encontram-se preparadas para atuarem como professoras de crianças com idade de zero a três anos, devido ao seu instinto maternal. Porém, quando rebusca-se na história da educação na infância, tem-se como principais teóricos a se preocuparem com essa etapa da educação, na maioria homens (ARAUJO; HAMMES, 2012).

Contudo, atualmente, no imaginário social notam-se visões negativas sobre atuação de homens no trabalho pedagógico com crianças, muitas destas visões associadas à pedofilia. Alguns autores afirmam que, o preconceito enfrentado pelos educadores do sexo masculino não se origina das crianças, mas sim dos pais, que portam temores de que algum modo de violência aconteça com as mesmas (BRITO; NASCIMENTO; SILVA, 2018).

Ademais, há a ideia discriminatória, não só com relação ao homem enquanto professor, mas também enquanto pai, pois uma maior parte dos homens dividem as ocupações dos filhos pequenos com suas esposas e concluem essa tarefa muito bem. Porém, a sociedade pondera que eles não conseguem cuidar do próprio filho, muito menos responsabilizar-se por crianças que nem convivem devidamente (ARAÚJO; HAMMES, 2012).

Todavia, de acordo com Silva (2014):

Na Educação Infantil, a criança convive e interage na maioria do tempo com outras crianças, proporcionando uma convivência variada e obtendo novas relações. Nessa relação de convívio entre professores e crianças são construídos espaços, tempos e práticas. Um olhar sobre a questão de gênero se faz necessário, quando falamos em uma educação de qualidade, tanto na questão do professor homem como também nas relações existentes como um todo. O corpo da criança na Educação Infantil é ensinado, e não somente cuidado, sendo o primeiro lugar marcado pelo adulto dentro desse espaço, impondo condutas e limites psicológicos e sociais (SILVA, 2014).

Logo, o cuidar do corpo, da higiene ou da afetividade das crianças pequenas são habilidades primordiais do processo educativo e humano, e tal cargo pode ser exercido por homens, embora o contato corporal entre crianças pequenas e homens adultos seja um impasse para as famílias. De algum modo, a paternidade desenvolve os horizontes e as perspectivas de professores e, por isso, as vivências e narrativas masculinas são conhecimentos estabelecidos coletivamente e uma objeção ao modelo que preconiza a educação e os cuidados infantis como um cargo unicamente feminino (GIBIM; LESSA, 2011).

II. PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 PARADIGMAS CIENTÍFICOS E A PESQUISA QUALITATIVA

Desenvolver uma pesquisa científica em educação é algo que requer um olhar atento para uma situação existente na sociedade. Segundo Gatti (2006), realizar uma pesquisa é ir em busca de informações para abrir novos caminhos para o conhecimento existente, utilizando de métodos e técnicas específicas que possibilite adquirir novos conhecimentos sobre determinadas questões. Nesse sentido, a metodologia é um instrumento muito importante nesse processo, pois ela possibilita indicar como a pesquisa foi realizada e como as escolhas feitas colabora para descrever, analisar e explicar o tema em estudo.

Seguindo uma perspectiva histórica, sobre a trajetória das pesquisas científicas, vale ressaltar que elas foram e continuam sendo muito importante no decorrer de um novo conhecimento adquirido no âmbito social. Esse processo foi e vem sendo orientado por paradigmas científicos que tem o objetivo de situar padrões e orientar a realização de pesquisas e a produção de conhecimento. Segundo Santos (2006), inicialmente surge o paradigma dominante, tendo seus princípios a racionalidade técnica, a comprovação científica baseada em verdade única e infalível, a lógica matemática e, por fim, defendia-se a necessidade de neutralidade na pesquisa, instituindo a separação entre o pesquisador e o pesquisado e a separação entre saber científico e senso comum.

Mais tarde o paradigma dominante entra em crise, crise essa segundo Santos (2006) profunda e irreversível. De modo geral, o que fomentou essa crise foi o resultado de uma pluralidade de condições sociais e teóricas. As teóricas que mais contribuíram para essa crise foi a revolução científica iniciada por Einstein e sua teoria da relatividade, a mecânica quântica, o rigor da matemática e o avanço do conhecimento nas áreas da microfísica, química e biologia. Com os sinais de crise do paradigma dominante aponta-se para outro paradigma científico, o emergente.

Nesse paradigma, Santos (2006), propõe um conhecimento prudente para uma vida decente, visto que a proposta é de um paradigma que não seja apenas científico de conhecimento prudente, mas também um paradigma social de vida decente. E para justificar o paradigma proposto, Santos (2006) apresenta um conjunto de teses: Todo conhecimento científico natural é científico-social; todo conhecimento é local e total, todo conhecimento é autoconhecimento;

e todo conhecimento científico visa a se construir em senso comum. A partir daí outras as possibilidades de fazer pesquisa e uma pluralidade de temas e metodologias começam a surgir com o intuito de produzir uma ciência voltada para os problemas da humanidade. Baseado nos pressupostos do paradigma emergente, este trabalho de pesquisa busca apresentar reflexões sobre a presença da figura masculina na Educação Infantil e, seus desdobramentos no campo da formação e da atuação de pedagogos e futuros pedagogos.

Com o surgimento do paradigma emergente, surge também a necessidade de se pensar uma nova abordagem de pesquisa que também se interesse pelas humanidades. Desse modo, a pesquisa qualitativa surge das reivindicações do paradigma emergente e, a medida em que se ancora nos princípios do mesmo, defende questões humanas, sociais e a subjetividade. Propondo, assim uma valorização da vivência dos sujeitos e dos significados que eles atribuem às suas experiências. Assim sendo esse trabalho assume a abordagem qualitativa, porque essa abordagem permite dar um enfoque no caráter subjetivo do objeto pesquisado. A pesquisa qualitativa surgiu no início do século XX, período que coincidia com o surgimento do paradigma emergente. Essa nova abordagem configura-se um campo transdisciplinar, seu método de estudo envolve práticas, ideias e técnicas em ciências humanas, fazendo uma abordagem que analisa aspectos subjetivos dos fenômenos humanos.

A pesquisa qualitativa teve uma evolução histórica com todas as questões, tensões e inovações crescentes (CHIZZOTTI, 2003). De modo geral, a pesquisa qualitativa encontra-se entre as distintas possibilidades de estudar os fenômenos que se relacionam aos seres humanos e suas complexas relações sociais, difusas em diversos contextos.

Ainda segundo Chizzotti (2003):

Muitos são os autores que se autodenominam qualitativos, diferenciando-se por pressupostos teóricos ou metodológicos, técnicas de investigação ou objetivos da pesquisa criam e atribuem significados às coisas e às pessoas nas interações sociais e estas podem ser descritas e analisadas, prescindindo de quantificações estatísticas (CHIZZOTTI, 2003).

Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa opõe-se a pesquisa quantitativa, pois esta última usa a quantificação como única forma de garantir a validade das generalizações, desde que um único modelo de pesquisa seja originário das ciências naturais, que começa com pressupostos norteadores. Assim, a pesquisa quantitativa aceita apenas observações externas, segue um caminho indutivo, estabelece regularidades por meio de verificação objetiva e é apoiada por frequências estatísticas.

Em contrapartida, a pesquisa de cunho qualitativo confirma a ligação entre investigação e questões éticas, políticas e sociais. Conseqüentemente, os pesquisadores se declaram comprometidos com a prática, com a transformação social e a emancipação humana, fortalecendo as críticas aos pressupostos e as demandas da pesquisa puramente mensurativa, reconhecendo a importância dos indivíduos, o sentido e a intenção da pesquisa, afirmando a relação entre teoria e prática, a inclusão das vozes dos atores sociais, a importância da invenção criativa e o contexto dos dados (CHIZZOTTI, 2003).

Isso posto, é preciso haver um rigor metodológico, ou seja, uma descrição clara e pormenorizada do caminho a ser percorrido pelo pesquisador para alcançar os objetivos esperados. Assim, além da preocupação com a firmeza científica do trabalho (se foram tomadas as devidas precauções na escolha dos indivíduos, dos procedimentos de coleta e análise de dados, na elaboração dos instrumentos e no tratamento dos dados), o pesquisador deve cuidar da ética, que ao apresentar suas visões sobre o assunto, dá possibilidade ao leitor de julgar sua atuação e opiniões (ANDRÉ, 2013, p. 96).

Nesse sentido, Chizzotti (2003) afirma que “a pesquisa acadêmica com abordagem qualitativa é realizada quando se tem como objetivo de estudo compreender o porquê de determinados acontecimentos, fatos, fenômenos, comportamentos ou tendências”. Segundo Chizzotti (2003), esse método de pesquisa consiste em uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constitui o objeto da pesquisa. Nesse sentido, o pesquisador constrói um vínculo de convívio com o objeto pesquisado, com o intuito de extrair os significados visíveis que só terá êxito através desse convívio e diálogo.

Com vista nisso, neste estudo, utiliza-se a abordagem de pesquisa qualitativa para investigar, através de questionário on-line, qual a visão dos pedagogos e futuros pedagogos sobre a figura masculina na Educação Infantil. No próximo tópico, apresenta-se informações sobre a recolha de dados e a escolha pelo questionário neste trabalho de pesquisa.

2.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E COLABORADORES DA PESQUISA

No desenvolvimento de uma pesquisa as técnicas metodológicas são muito importante, no sentido de que elas irão direcionar os instrumentos que serão utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. Com base nisso, para a realização desse estudo utilizou-se como instrumentos de coleta de dados um questionário semi-estruturado que foi respondido por pedagogos em formação e por pedagogos que estão atuando na Educação Infantil.

Desse modo em toda e qualquer pesquisa, torna-se necessário um preparo para a sua realização. Por isso, Marconi e Lakatos (2003, p. 155) esquematizam o planejamento da pesquisa em: preparação da pesquisa; fases da pesquisa; execução da pesquisa. Nesse último, há a coleta de dados definida pelos autores como “etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos”. Tendo em vista a viabilidade e o alcance do questionário online, optou-se por este instrumento neste trabalho de pesquisa.

Conforme Gil (2008, p.121), pode-se definir o questionário como:

A técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc (GIL, 2008, p. 121).

Desse modo, o questionário enquadra-se como uma técnica que auxilia na coleta das informações permitindo um alcance maior de colaboradores. Segundo Gil (2008, p. 121/122) os questionários apresentam vantagens quando comparados à outras técnicas de coleta de dados, como as entrevistas, pois:

possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; c) garante o anonimato das respostas; d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; e) não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (GIL, 2008, p. 121/122).

Apesar do autor apresentar limitações do questionário enquanto técnica, como a exclusão das pessoas que não sabem ler e escreve, pode-se observar que os pontos elencados servem para auxiliar no momento da condução da pesquisa, no momento da eleição das questões e na escolha dos pesquisados, por exemplo, para que essa etapa ocorra de forma mais

eficiente. A partir de meados da década de 1990, com o uso massivo da Internet, o uso de questionários eletrônicos online tornou-se uma prática comum na realização de pesquisas acadêmicas e de mercado, visando coletar, organizar e processar dados de pesquisa de forma mais rápida e objetiva (CARVALHO *et al.*, 2022). Sobre isso, Faleiros *et al.* (2016), afirma que:

Com o acesso crescente à internet em todo o mundo, as pesquisas com o uso do ambiente virtual mostram-se como uma tendência atual para a coleta de dados, preferida pela maioria dos sujeitos dos estudos. Embora, os grupos etários mais jovens continuem a ter a maior taxa de uso da internet, a adesão de pessoas de faixas etárias mais avançadas a esta ferramenta tem aumentando nos últimos anos. Dessa maneira, a utilização da internet, como recurso auxiliar de troca e disseminação de informações, possibilita a melhoria e a agilidade do processo de pesquisa. Além de permitir ao pesquisador o contato rápido e preciso com os indivíduos participantes do estudo (FALEIROS *et al.*, 2016, p. 2)

Assim, o uso desses instrumentos permite além da coleta sistemática de informações a realização de correlação de suas variáveis permitindo maior produção de informações em relação ao tema pesquisado. Constantemente, esses instrumentos são transmitidos por meio eletrônico, sem necessitar do comparecimento do pesquisador. Contudo, a impessoalidade do uso de meios eletrônicos pode não impedir o contato entre o entrevistado e o pesquisador, preservando o canto social se a utilização dessa ferramenta for apenas um método de amparo na exploração de informações para a pesquisa, técnica de coleta de dados indicada para o momento que vivemos de distanciamento social, tendo em vista a emergência do COVID-19.

Verifica-se que atualmente a utilização de questionários online estão se tornando mais constantes, e que futuramente o uso do meio impresso na pesquisa científica pode ser limitado apenas para procedimentos e documentos, sendo toda a norma de coleta substituída pelo método online. Desse modo, a utilização de questionário online, se torna imprescindível para reduzir gastos e garantir maior confiabilidade e agilidade na coleta. O meio online, portanto, mostra-se como uma nova forma para a coleta de informações, podendo ser utilizado na construção, realização e análise dos questionários da pesquisa (CARVALHO, *et al.*, 2022).

Para coleta de dados optou-se pela técnica do questionário Google Forms utilizados nesta pesquisa pela “possibilidade de acesso em qualquer local e horário; agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, pois quando respondido as respostas aparecem imediatamente; facilidade de uso entre outros benefícios” (MOTA, 2019, p. 373), tornando-se uma técnica oportuna praticidade no processo de coleta das informações. Conforme destaca Mota (2019, p. 373) “enumera-se ainda como vantagem os resultados da pesquisa pelo Google Forms, pois

estes se organizam em forma de gráficos e planilhas, proporcionando um resultado quantitativo de forma mais prática e organizada, facilitando a análise dos dados”. Outro aspecto refere-se a possibilidade de alcance dos respondentes sem despesas financeiras e sem obrigatoriedade de encontro presencial para aplicação do questionário de pesquisa. Neste caso, o pesquisador pode enviar para os respondentes via e-mail, ou através de um link, assim todos poderão responder de qualquer lugar (MOTA, 2019).

Neste estudo utilizamos de formulários online gerados *Google Forms* elaborado de acordo com um roteiro de perguntas organizado a partir do problema e dos objetivos traçados para esta investigação. O roteiro I¹, refere-se ao questionário destinados aos estudantes do sexo masculino, devidamente matriculados no Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da UFRB e o roteiro II², refere-se ao um questionário destinado aos professores do sexo masculino que atuam em creches de rede municipal de ensino do estado da Bahia. Após elaboração dos formulários no *Google Forms*, realizou-se um levantamento junto ao colegiado do Curso de Licenciatura (CFP/UFRB) com a intenção de identificar os estudantes do sexo masculino vinculados ao curso. Assim sendo, em 19.05.2022, através de e-mail enviado a coordenadora do curso tivemos acesso aos relatórios constando a lista de alunos ativos matriculados no Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Posteriormente a análise dos relatórios, identificou-se o número total de 453 estudantes, sendo destes 50 do sexo masculino e 403 do sexo feminino. De posse desses dados, o questionário foi divulgado pela coordenação do curso através do SIGAA e redes sociais por meio de um link. Dos 50 estudantes que foram notificados e receberam o link com acesso ao questionário, apenas 11 estudantes responderam devidamente o formulário. No caso dos professores do sexo masculino que estão atuando em creche ou educação infantil, o link foi enviado pelo whatsapp, mas apenas dois professores, vinculados a rede municipal de ensino do estado da Bahia, retornaram os formulários preenchidos. O preenchimento dos formulários pelos estudantes e professores ocorreu no período de 25 de maio a 15 de junho de 2022. Os dados gerados através dos questionário foram organizados e analisados e serão socializados no próximo capítulo.

¹ Link para acesso ao Roteiro I <https://forms.gle/ZrqPya6R17YJz7c49>

² Link para acesso ao Roteiro II <https://forms.gle/PV91Wu9vNKbnNKze7>

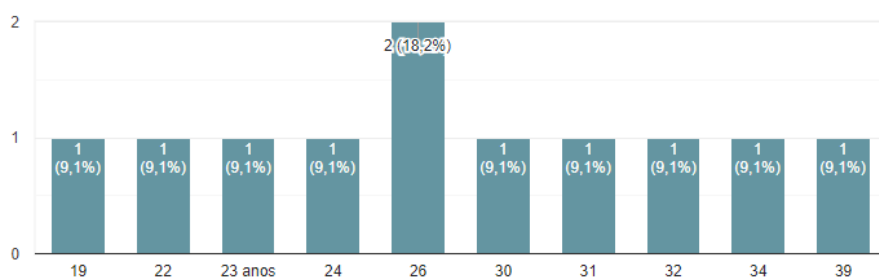
III. ANÁLISE DE DADOS

Os dados apresentados neste capítulo foram organizados a partir da perspectiva da análise de conteúdo. Após a leitura do material extraído dos questionários, organizou-se inicialmente o registro de gráficos das questões fechadas e em seguida foram levantadas as categorias de análise no âmbito das questões abertas. Os dados foram analisados em diálogo com o aporte teórico utilizado neste trabalho, conforme quadro em anexo. Por uma questão de ética, optamos por utilizar nomes fictícios para os colaboradores da pesquisa. Os nomes fictícios foram escolhidos pelos colaboradores através de opção sugerida no formulário *Google Forms*.

3.1 A FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES DOS PEDAGOGOS EM FORMAÇÃO

3.1.1 Perfil dos colaboradores

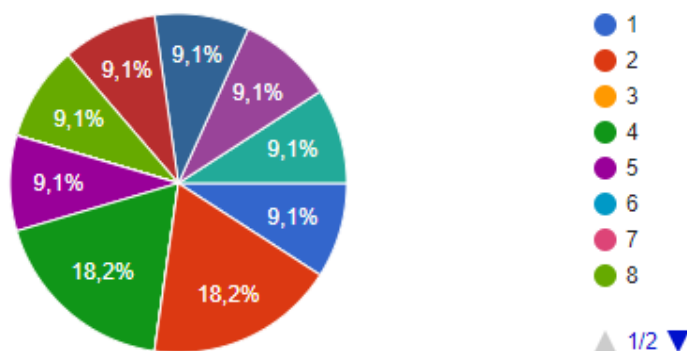
Gráfico 1: Idade dos colaboradores



Fonte: Questionário (2022)

Os dados do gráfico revelam que os estudantes colaboradores possuem idade entre 19 e 39 anos. Dos 11 colaboradores 6 tem entre 19 anos a 26 anos, portanto, podemos considerar que se trata de um público jovem. Os demais colaboradores, ainda que jovem, apresentam idade entre 30 e 39 anos.

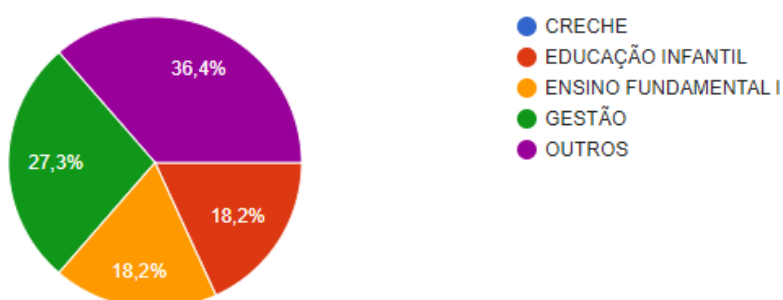
Gráfico 2: Semestre que estão cursando



Fonte: Questionário (2022)

Em relação aos semestres que os colaboradores estão cursando, de acordo com o gráfico, dos onze colaboradores temos o seguinte resultado: um do 1º semestre, dois do 2º semestre, dois do 4º semestre, um do 5º semestre, um do 8º semestre, um do 9º semestre, um do 12º semestre e dois formandos. Esses dados revelam a diversidade da fase de formação dos colaboradores, uma vez que, temos estudantes do início, meio e final de curso. Portanto, trata-se de uma amostra relevante e diversificada dos dados apresentados.

Gráfico 3: Área que pretende atuar como pedagogo

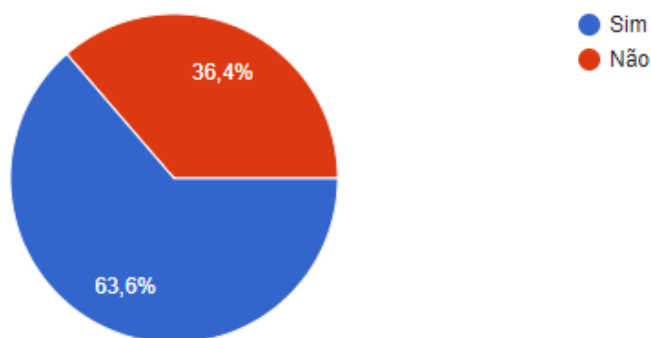


Fonte: Questionário (2022)

De acordo com o gráfico que revela a área de atuação que os pedagogos em formação pretendem exercer a profissão, 18, 2% optaram pela Educação Infantil, 18, 2% pretendem atuar

no Ensino fundamental I, 27, 3% desejam atuar na gestão e 36,4% sinalizaram a opção “outros” e, no total, nenhum dos colaboradores escolheram a creche como futura área de atuação, um dado que merece ser destacado e analisado neste trabalho e em pesquisas futuras.

Gráfico 4: Experiência na área de educação



Fonte: Questionário (2022)

No caso do gráfico 4, observa-se que 36,4% dos colaboradores informam não ter experiência na área de educação, enquanto 63,6% afirmam que possuem alguma experiência na área de educação. De certo modo, esses dados são relevantes porque demonstram que a maioria já teve algum tipo de aproximação com sua área de atuação.

3.1.2 Categorias de análise que emergiram das questões abertas

3.1.2.1 Escolha pelo curso de pedagogia

Sobre o curso de pedagogia, os pedagogos em formação justificaram a escolha a partir das seguintes respostas:

Inicialmente pela proximidade com a comunidade que morava, no decorrer do curso me apaixonei (Sudré)

Inspiração em professoras e professores que tive (Madiba).

Só a educação salva (Ferreira).

Primeiramente, eu pesquisava as áreas que tinham menos matemática, já que eu não me simpatizo com a disciplina. Mas também, por outro lado, eu enxergava a formação

do professor de Educação Infantil e Fundamental I como muito importantes para a formação de uma construção humana com as crianças. Então, por meio disso, fazendo link com vivências minhas do passado, de quando eu era criança, relacionadas a bullying, por eu não me encaixar no padrão que definem para pessoas do sexo masculino, pensei que poderia dar um pouco de mim em uma sala de aula, mesmo sabendo que eu não iria mudar o mundo apenas por meio desse ato, mas entendendo que isso me faria estar realizado no final de um dia cansativo com a criançada (Pedro).

Adquirir formação para galgar meus futuros objetivos (Júnior).

Por já atuar na educação fora da escola no Grupo de Escoteiros e no Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS GAPA Itabuna-BA (Teixeira).

Para minha formação e desejo pessoal de ser acadêmico (Manoel).

Desde pequeno tinha um preconceito para com a profissão Pedagogo, por conta da sua desvalorização, por pensar que trabalharíamos APENAS na Ed. Infantil e principalmente o descaso com o salário. Hoje tenho uma visão mais ampla, e a gente sempre entra no curso com uma visão de querer mudar o nosso cenário e não ser apenas mais um querer fazer diferente (Extremo).

Escolhi a Pedagogia por ser uma área da Educação que mais me identifico, acredito que a possibilidade de estar dentro de uma sala de aula enquanto professor é uma oportunidade ímpar para pensar e possibilitar a transformação de mundo que tanto almejo. Independentemente da área de atuação sei que por menor que seja a minha contribuição será de grande valia para a vidas desses sujeitos (Oliver).

Nota do Enem (Zeca).

Por prazer e identificação (Folha).

De acordo com os relatos, é possível perceber que a escolha pelo curso se deu a partir de diversos motivos. Individualmente falando, para *Júnior* se formar em um curso superior era um de seus objetivos de vida. Nessa mesma direção se deu a escolha de *Manoel* que deseja obter uma formação acadêmica no Nível superior. Já para *Pedro*, a escolha tem a ver com a importância do professor na formação humana das crianças, sobretudo na Educação Infantil e Fundamental I. Ademais, essa escolha se deve às vivências e dificuldades enfrentadas quando criança e por sentir-se realizado ao estar em uma sala de aula com as crianças. *Oliver*, por sua vez, se identificou muito com a Pedagogia, por pensar que assumir uma sala de aula pode ser o caminho que possibilita a transformação da humanidade. Desse modo, pensa que seja qual for o campo de atividade que possa atuar, sua contribuição será útil para os educandos.

Mandiba revela que a escolha esteve atrelada a influência dos educadores que teve durante sua formação. Nesse mesmo sentido, *Ferreira* informa que a escolha relaciona-se com a importância da educação na vida das pessoas, reconhecendo que a educação liberta o indivíduo da ignorância. Para *Extremo*, desde tenra idade tinha prejulgamento sobre a

Pedagogia, pelo fato de ser uma área desvalorizada, com baixo salário, com possível atuação apenas na Ed. Infantil. Entretanto, atualmente, observa o curso de uma maneira mais ampla, com desejo de fazer a diferença na vida dos educandos e também mudar o cenário em que se encontra.

Folha associa a escolha e possível permanência no curso pela identificação com a área de ensino. *Teixeira*, informa que sua escolha se justifica porque já atuava na educação em um grupo extraclasse, se identificando por essa via com o curso de Pedagogia. *Sudré*, por sua vez atribui a escolha a princípio, por ser um curso que dialogava com a comunidade onde residia. Mas, ao longo do curso ficou fascinado. Diferente dos demais colaboradores, *Zeca*, informa que o ingresso no curso se deu através do Exame Nacional do Ensino Médio.

De modo geral, nota-se nos relatos dos colaboradores que a escolha pelo curso ocorreu por diversos motivos, dentre eles é possível citar a influência dos professores em sua formação e o destaque dado ao papel transformador da educação na vida dos educandos. Conforme menciona *Daboín* (2019, p. 68):

A escolha profissional é uma temática complexa, ela não é simplesmente determinada por um ou dois fatores. Na verdade, ao escolher a profissão, estamos evidenciando uma bagagem que acumulamos durante toda a nossa vida, de modo que essa decisão não é nada fácil. Portanto, fica claro que a escolha profissional é um processo dinâmico, permeado por fatores subjetivos, emocionais e motivacionais. (DABOÍN, 2019, p. 68)

Diante disso, pode-se afirmar que apesar dos fatores econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos exercerem influência na escolha profissional de um indivíduo, a decisão é dinamizada por motivos que atravessam a vida dos pedagogos em formação.

3.1.2.2 Interesse em trabalhar na Educação Infantil

Em relação ao interesse em trabalhar na Educação Infantil, os pedagogos em formação assim se manifestaram:

Ajudar as crianças a crescerem mais humanas (Ferreira).

Sim, porém tenho mais aptidões e paixão pela EJAI (Sudré).

Sim, porém entendo que existe preconceito ou receio de colocar homens nessa área de atuação (Madiba).

Sim é a única categoria que tenho habilidade para desenvolver didático e metodologia de um plano de aula ou sequência didática (Manoel).

Sim. Eu não acredito que uma pessoa que faz Pedagogia não queira ministrar aulas ou passar pela sala de aula, em minha cabeça isso não entra. Você escolhe ser Pedagogo, vc escolhe o curso que te interessa, e também tem livre arbítrio para passar pelas vastas possibilidades dentro deste curso, mas vejo a área da Educação não somente como experiência, mas também como estudo (Extremo).

Inicialmente sim (Zeca).

Sim, quando trabalhei como auxiliar de classe, foi um momento de muito conhecimento e aprendizado que gerou um grande prazer em ensinar (Folha).

Não. Pretendo trabalhar como pesquisador da área de educação (Júnior).

Tenho interesse em trabalhar na pré-escola. Na creche não. Na creche, por saber da discriminação que há, relativa aos homens nessa área, na pré-escola não é diferente, mas na creche ainda é muito voltado para a questão do cuidar, coisa que eu não me identifico e que não tenho vontade de me abrir para tal papel... ainda que eu sinta vontade apenas de obter experiência por considerar importante, já que estou cursando Pedagogia (Pedro).

Não. Eu penso que tem pessoas mais preparadas para essa função, e o medo de cuidar de um menorzinho é tão grande e a responsabilidade que recai sobre a figura masculina é muito grande, vem a pressão de pai de aluno e de mãe de aluno e da família em geral e a pressão também da escola, e se nós homens fizer alguma coisa que for chamado atenção pode até sujar com a carreira profissional. Sendo assim prefiro trabalhar em outras áreas não ligado diretamente a educação infantil (Teixeira).

Não. Além do estágio, estive como pibidiano em uma creche que eu era o único do sexo masculino entre as colegas, encontrei muitas barreiras por estar dentro daquele espaço como professor da Educação Infantil. Uma experiência nesse processo me marcou, certo dia estando em sala junto com as professoras regente e a colega pibidiana, um pai de uma criança foi busca-la na creche, ao me ver dentro da sala com as crianças ao meu redor, perguntou a professora regente se eu dava banho em sua filha. A professora respondeu que não, que eu realizava apenas as atividades pedagógicas com as crianças. Eu era responsável pelo banho dos meninos e as professoras que acompanhavam as meninas nessa tarefa. Por eu ser homem podia cuidar apenas dos meninos. Essa experiência me inquietou e ao mesmo tempo fez com que eu não identificasse com esse espaço que é composto majoritariamente pelas profissionais mulheres, mesmo estando apto enquanto profissional não me vejo trabalhando nessa área (Oliver).

De acordo com os relatos é possível compreender que o interesse em atuar na Educação Infantil não é algo desejado por todos os colaboradores. Particularmente, para *Ferreira* o interesse em trabalhar na Educação Infantil é para ajudar as crianças a crescerem mais humanas, já para *Sudré*, embora ele tenha mais aptidões e paixão pela EJAI, possui interesse em trabalhar na Educação Infantil. *Madiba*, mesmo entendendo que há preconceito ou receio de colocar homens nessa área de atuação, demonstra interesse em trabalhar na Educação Infantil.

Manoel respondeu que sim, por ser a única categoria que tem habilidade para desenvolver a didática e a metodologia de um plano de aula ou sequência didática. *Zeca*, reitera o desejo em trabalhar na Educação Infantil. *Extremo* informa que possui interesse na Educação

Infantil por acreditar que quando alguém faz o curso de Pedagogia é porquê tem interesse em lecionar. Apesar da Pedagogia fornecer outras possibilidades dentro do curso, observa a área como um estudo, não somente como experiência. *Folha* interessa-se pela Educação Infantil pelo fato de o período em que ele atuou como auxiliar de classe ter sido um momento de conhecimento, aprendizado e prazer.

Nesse sentido, observa-se que os relatos se relacionam com as reflexões de Basso (1998), ao afirmar que o que incita o docente não é, em totalidade, o subjetivo (interesse, vocação, amor pelas crianças etc.), mas também relacionado à necessidade real instigadora da ação do professor como: os recursos físicos das escolas; a organização da escola em termos de planejamento; os materiais didáticos; a gestão e as possibilidades de trocas de experiência.

Por outro lado, a escolha por não atuar na Educação Infantil, para os colaboradores, deve-se, sobretudo, as barreiras encontradas pela figura masculina na área, apesar de *Júnior* não optar por essa área por preferir a pesquisa. *Teixeira* pontua o medo de cuidar de uma criança pequena, pelo fato da presença da figura masculina não ser bem vista pela família das mesmas e até mesmo pela escola, o motivo pelo qual ele não escolherá a Educação Infantil como área de atuação. Semelhantemente, *Pedro* salienta que não tem interesse de trabalhar na creche devido à discriminação que há relativo aos homens nessa área. *Oliver* ainda aponta a experiência negativa que teve como estagiário em um projeto de extensão atuando em uma creche. Sobre isso, Santos (2016, p. 21) afirma que:

O maior debate que se instala sobre a atuação ou não do homem na Educação infantil se pauta no cuidar. Como um homem poderá dar banho em uma criança? Será que ele sabe pentear o cabelo das crianças? Como vai trocar fraldas? Isso não é coisa de homem! Considera-se que os homens não são capazes de cuidar de crianças, nem de seus filhos que são cuidados pelas suas mulheres. (SANTOS, 2016, p. 21).

Portanto, observa-se que a falta de interesse dos futuros pedagogos em atuarem na Educação Infantil, deve-se sobretudo ao preconceito e às experiências negativas em relação ao cuidado com a criança pequena. Logo, dos 11 pedagogos em formação, conforme o questionário, 07 deles mostraram interesse em atuar na educação infantil, enquanto 04 não demonstraram interesse.

3.1.2.3 Discussões ou propostas de formação sobre a inserção da figura masculina na Educação Infantil

A respeito das discussões ou propostas de formação sobre a inserção da figura masculina na educação infantil os pedagogos em formação relataram:

Sim. Não quero falar sobre (Júnior).

Sinceramente, eu acho que precisa fortalecer mais. As disciplinas que peguei relacionadas a Educação Infantil traziam um pouco do debate, mas sentia falta de uma mediação mais significativa por parte das docentes, considero-as maravilhosas, mas por eu ser minoria na turma, quanto ao sexo, senti falta, porque as estudantes acabavam não demonstrando os seus pensamentos sobre homens na educação infantil (as disciplinas foram remotas, as estudantes já não falavam tanto). Eu tocava no assunto, por me identificar, a professora dava um feedback na aula, mas ainda assim eu acho que não era suficiente. Quem sabe uma aula para abordar apenas esse tema seja mais importante e mais significativo, com obras que discutam especificamente sobre a temática, torne o debate como mais necessário? (Pedro).

Não, lembro-me de um trabalho específico de um colega (Sudré).

Não que tenha chegado ao meu conhecimento (Madiba).

Eu não vi (Ferreira).

Não! Inclusive é algo que sinto falta no curso, até porque sabemos que o pedagogo não é muito bem visto na educação infantil e precisamos falar sobre isso (Teixeira). Sim desde o terceiro semestre. Tratando sobre como a sociedade vê a figura masculina na educação infantil (Manoel).

Sim houve, porém poucas. O curso de Pedagogia ainda falta a presença masculina dentro da Universidade, quando se tem são pouquíssimas e mesmo assim, os alunos acabam desistindo do curso. A desculpa maior é que Pedagogia é pra mulher e não para homem, que o curso é chato e que si trabalha com crianças (E sabemos que é o oposto) (Extremo).

Participei de alguns debates rasos e esvaziados de teoria e reflexões sobre a questão, sinto falta de uma discussão mais ampliada e que aponte as possibilidades do trabalho educativo realizado pelos Pedagogos dentro desses espaços afim de romper com esses paradigmas (Oliver).

Sim, sobre como a figura masculina representa uma certa ameaça na educação infantil e como isso vem se dissolvendo (Zeca).

Sim, algumas discussões tiveram em algumas aulas do curso, mas foi através dos próprios alunos (Folha).

Conforme os relatos, pode-se perceber que parte significativa dos colaboradores aponta que apesar de ocorrer discussões ou propostas de formação sobre a inserção da figura masculina na Educação Infantil durante a sua formação, elas são superficiais. Outra parte dos futuros professores apontam a falta delas. Os demais afirmam a presença dos debates.

Verifica-se no relato de *Pedro* a necessidade do fortalecimento das discussões sobre o tema, com mediações mais significativas por parte dos docentes. Igualmente, *Extremo* afirma que houve discussões, porém poucas e acrescenta que, no espaço da Universidade, a presença

masculina é rara e o índice de desistência é grande, por achar que Pedagogia é para o sexo feminino e não masculino, dentre outros fatores oriundos da carência de reflexões sobre o assunto. *Oliver*, por sua vez, pontua que houve alguns debates, porém, superficiais de ideais e análises sobre a questão, alega a necessidade de fomentar e ampliar mais as discussões, apontando ainda as possibilidades do trabalho educativo realizado pelos pedagogos dentro desses espaços, afim de romper os padrões.

Folha e Sudré salientam que houve discussões, mas que foram levantados pelos próprios alunos em algumas aulas do curso e em trabalho específico que abordaram sobre esse tema. Ademais, *Madiba e Ferreira* dizem que não tiveram contato com discussão sobre essa temática. Por fim, *Teixeira* afirma que é algo que sente falta no curso, tendo em vista a representação e imaginário social que recai sobre a presença do pedagogo na educação infantil. Concordamos com Hentges (2013, p.36), quando afirma que “o desconforto dos professores em relação às temáticas de gênero e sexualidade poderiam ser drasticamente diminuídos se houvesse formação apropriada acerca dessas discussões e possibilidades”.

Diferentemente dos relatos anteriores *Manoel* afirma que desde terceiro semestre entrou em contato com as discussões sobre como a sociedade vê a figura masculina na Educação Infantil. *Zeca*, por sua vez, fala da existência de debates sobre como a figura masculina é vista como uma ameaça na Educação Infantil e como isso vem se dissolvendo. Por fim, *Júnior* afirma que teve contato com as discussões, mas preferiu não discorrer sobre.

3.1.2.4 Estágio obrigatório em Educação Infantil

Sobre já terem cursado o estágio obrigatório em Educação Infantil, os pedagogos em formação sinalizaram:

Não (Júnior).

Cursei remotamente e não tivemos contato com a creche ou pré-escola, devido a questões da pandemia. A experiência para mim, de qualquer maneira, fortaleceu a minha não vontade de atuar nessa área, pois eu não me identifiquei, mesmo saindo do estágio com vontade de pegar apenas a experiência (Pedro).

Uma experiência incrível, muitos aprendizados (Sudré).

Sim, foi muito prazeroso e desafiador por ter sido meu primeiro estágio (Madiba).

Não (Ferreira).

Excelente! Eu tive um encontro na docência e vi como acontecia o processo formativo. Às crianças eram amáveis na maioria das vezes. Talvez a figura masculina na sala de aula traga uma outra segurança entre os discentes supracitados (Teixeira).

Excelente (Manoel).

Foi uma experiência única e ao mesmo desafiadora, visto que foi a primeira experiência docente enquanto estagiário. Foi importante para conhecer como se dá o trabalho docente nessa área e perceber as especificidades da Educação Infantil. Estar nesse espaço como estagiário foi um desafio, por não se sentir representado em relação a figura masculina, me sentia fora do meio. Percebia os olhares direcionados a mim, foi também muito desconfortante. Mesmo diante desses desafios foi uma experiência muito significativa para a minha formação enquanto futuro professor (Oliver).

Ainda não, mas, tenho experiência na sala de aula (Extremo).

Estou cursando a disciplina de forma remota sem estágio em creche (Zeca).

Ainda não (Folha).

De acordo com os relatos dos pedagogos em formação, nota-se que, com relação ao estágio obrigatório em educação infantil, há respostas heterogêneas, uma vez que enquanto alguns colaboradores relatam ser uma vivência maravilhosa, para outros não foi uma experiência agradável e, outros nem chegaram a cursar o respectivo componente.

Para *Sudré*, o estágio foi uma prática incrível onde adquiriu muitos aprendizados. De igual modo, *Madiba* e *Manoel* afirmam que foi excelente e prazeroso. Para *Teixeira* foi excelente, dado que ele observou como acontece a formação na Educação Infantil, além de as crianças serem carinhosas quase sempre e, por isso, pensa que a presença da figura masculina nesse espaço cause confiança aos educandos. Conforme Oliveira, Souza e Nascimento (2020, p. 11) “o estágio e as ações escolares devem desconstruir o imaginário de que a Educação Infantil é um espaço para um único gênero de docentes: o feminino”.

Diferentemente dos demais colaboradores *Oliver*, relata que o estágio na Educação Infantil foi uma experiência singular e desafiadora, dado que foi a primeira experiência docente em estágio e não se sentiu representado enquanto figura masculina. Por isso, sentia-se fora do meio e percebia olhares direcionados a ele. No caso de *Pedro* e *Zeca*, estes revelaram que devido à pandemia do COVID-19 não houve estágio presencial, mas de forma remota. *Pedro* acrescenta que essa experiência fortaleceu o desinteresse em atuar nesse espaço, uma vez que, não se identificou com essa modalidade de ensino. Já *Júnior*, *Ferreira*, *Extremo* e *Folha* afirmaram que ainda não fizeram o estágio obrigatório em Educação Infantil.

3.1.2.5 Escassez da figura masculina na Educação Infantil

Sobre a escassez da figura masculina na Educação Infantil os pedagogos em formação afirmaram:

Vivemos em uma sociedade capitalista, a qual se fortalece por meio de uma estrutura que define a nossa maneira de se comportar, isso sobre vários aspectos, mas nesse caso, a questão dos papéis de gênero construído socialmente, fortalece a ideia de que homem não deve cuidar de criança, mas apenas a mulher. A educação infantil não se resume ao cuidar, e isso deve ser considerado quando tocamos nessa conversa. Outro ponto muito forte é a questão da pedofilia que é mais voltada para os homens e acho que o maior motivo para não aceitarem homens nessa área seja esse, que é uma consequência do machismo estruturado e fortalecido por essa sociedade que se alimenta dessas relações de gênero - também - para manter o seu grande lucro. O capitalismo depende do machismo, do racismo, da homofobia, da intolerância religiosa e diversas outras coisas para se manter (Pedro).

Sim. Devido ao caráter assistencialista que a educação infantil tinha até a década de 80. Posterior a isso refere-se mais a nossa sociedade patriarcal (Júnior).

Penso que o preconceito, a figura masculina tende a sofrer discriminação, poderíamos entender também historicamente a função docente ter sido exercida por mulheres (Sudré).

Sim, como dito antes, existe um preconceito ou receio de colocar homens para trabalhar nessa fase da educação. Além do que a sociedade delega funções, e não acha que homem não tem a capacidade de lidar com crianças por mais capacidade que o mesmo tenha, deixando tal atuação voltado somente para mulheres (Madiba).

Porque o homem acha um absurdo cuidar de criança. Nossa sociedade é machista e acha que criança pequena é responsabilidade da mulher (Ferreira).

Já somos estigmatizados em ter uma figura não materna. A discussão é que homens numa visão social, é que não tem capacidade de cuidar de crianças em sala de aula. Francamente não é um assunto que eu goste de dialogar, porque sei o meu lugar de fala, mas provo minha formação em cada estágio, cada momento em sala de aula e exijo mais de mim, porque sei que no primeiro erro, eu serei apontado e o fato de eu ser gay é mais complicado ainda (Teixeira).

Sim por causa da forma de pensar da comunidade em torno da escola (Manoel).

Por conta do preconceito para com o curso. Desde o momento que "só há" figuras femininas dentro da sala de aula, principalmente na Educação Infantil, o machismo presente de que ser Pedagogo (a) é uma profissão para mulheres que em sua maioria são mães, e na verdade a profissional é PEDAGOGA não mãe ou tia, dentro da sala de aula (Extremo).

Essa escassez, ao meu ver, se dá pelo fato de que a responsabilidade do cuidar e educar é, unicamente, direcionada para as mulheres, assim se constitui a nossa sociedade que é, por sua vez, machista. Está relacionada também a questão da pedofilia que é um dado muito crescente, sobretudo aqui no Brasil que tem gerado todo um movimento contra a presença masculina nesses ambientes sob a justificativa de proteger as crianças de abusos que possam ocorrer. Além disso, a figura

masculina é vista como aquele que não tem muita aptidão para cuidar de crianças ou ainda não tem possui familiaridade com a questão da ludicidade (Oliver).

Preconceitos (Zeca).

Sim, pela a imagem que se foi construído de quem deve ser o educador, uma imagem feminina e que seja uma versão materna para a criança. Partir disso o homem não tem trato ou aptidão para ser um educador no ensino infantil e sua imagem também geraria estranheza para a comunidade (Folha).

Ao analisarmos os relatos notamos que para *Júnior* essa escassez é devido ao fato da Educação Infantil, até a década de 80, dar apenas ênfase no cuidar, função ligada a figura feminina. Ainda hoje, essa ideia é vigente por se relacionar com a sociedade patriarcal. Em sua resposta, *Pedro* enfatiza que pelo fato do indivíduo fazer parte de uma sociedade capitalista que se fortalece usando uma configuração que descreve a forma de agir em vários aspectos, a discussão de gênero é construída do ponto de vista social consolidado, que fortalece a concepção que homem não deve cuidar de criança, apenas a mulher. Além disso, para ele outro agravante é a pedofilia que é o maior pretexto para não aceitarem homens nesse espaço, consequência de uma sociedade machista que se alimenta das relações de gênero para manter, de certo modo, a aquisição de lucro.

Já para *Sudré*, essa escassez deve-se ao preconceito, ou seja, a discriminação sofrida pela figura masculina. Ademais, pode-se entender que essa carência ocorre pelo fato da função docente ser exercida por mulheres por um bom período da história. Semelhantemente, *Madiba* afirma que essa ausência deve-se ao preconceito ou receio de colocar a figura masculina para trabalhar na Educação Infantil, pelo fato da sociedade achar que o homem não tem capacidade de lidar com crianças e por acreditar que só as mulheres podem desempenhar bem essa função. Nessa direção Pereira (2012, p. 71) destaca que:

Ser homem e professor de crianças pequenas é assumir uma identidade que ainda hoje cria um desconforto nas pessoas à sua volta, carrega uma diferença, pois é incompatível com as expectativas da sociedade, mesmo com a ampliação de suas funções e vivências na atualidade (PEREIRA, 2012, p. 71).

Nos relatos de *Ferreira*, *Extremo* e *Zeca* eles reafirmam que a figura masculina é minoria na Educação Infantil devido ao preconceito, ao fato da sociedade ser machista e achar que pedagogia é uma profissão para mulheres. Do mesmo modo, nas respostas de *Teixeira* e *Oliver* observa-se que a escassez decorre da visão social de que o homem não tem capacidade de cuidar de crianças em sala de aula e não possui familiaridade com a questão da ludicidade. Por fim, para *Manoel* e *Folha* a escassez da figura masculina na Educação Infantil relaciona-se

à concepção de que o homem não tem aptidão para ser um educador no ensino infantil, gerando estranheza para a família e comunidade escolar.

3.1.2.6 Dificuldades encontradas pelo professor do sexo masculino

Sobre as dificuldades encontradas pelo professor do sexo masculino, os pedagogos em formação justificaram as dificuldades a partir das seguintes respostas:

Patriarcado (Júnior).

As conseqüências do que apontei na questão anterior. Se vivemos em uma sociedade que se alimenta desses preconceitos, ela precisa deles em nossas relações cotidianas, então iremos encontrar professoras da educação infantil (muitas vezes com formação adequada para) que não aceitam homens na educação infantil. Digo isso, porque percebi recentemente em uma das aulas, pela fala de uma colega da turma, de forma muito tímida, que dizia sobre as pessoas terem medo de deixar o professor (homem) levar a criança no banheiro, sem apontar uma visão crítica sobre o motivo de as pessoas terem essa preocupação (Pedro).

Basicamente poderíamos dizer que os pais tecem críticas a atuação de professores do sexo masculino voltamos a história docente uma predominância de mulheres atuando como professoras (Sudré).

A barreira social que nos impede de assumir uma turma nessa fase do ensino (Madiba).

A maior dificuldade é o investimento em educação. Na nossa sociedade o homem é instruído a estudar engenharia, direito, medicina entre outros cursos que tem mais retorno financeiro. Na nossa sociedade educação infantil não dá dinheiro e é coisa de mulher. E lutar contra isso é bem difícil (Ferreira).

A maior desaprovação já parte da gestão escolar em não dar suporte para que homens possam atuar nessa área específica. Contudo, eu entendo que existe uma Questão social diretamente ligada a comunidade local, porque se questiona a competência de um homem e o pior, que ele poderia ser capaz de desrespeitar uma criança (Teixeira).

A forma de lidar com crianças e as expectativas que os tutores tem sobre a presença da figura masculina na sala de aula (Manoel).

Uma gestão que olhe para o mesmo sem preconceito e que acredito que no seu profissionalismo. A gente sabe que tem pais que não se sentem seguros em deixar seus filhos com homens na área de educação (Extremo).

Dificuldades de inserção nesse ambiente como professor, de aceitação por parte da própria instituição e da família dos alunos (Oliver).

Preconceitos (Zeca).

A imagem que sempre se espera para atuar nessa área e também uma visão preconceituosa e generalizada de quem deveria ser o educador (Folha).

Observa-se que para *Pedro* e *Júnior* essas dificuldades são oriundas das consequências da sociedade machista e patriarcal. *Pedro* complementa afirmando que como essa sociedade alimenta dos preconceitos, então encontra-se professoras que não aceitam homens na educação infantil. Nesse sentido, *Madiba* diz que os obstáculos da sociedade impossibilitam a figura masculina de assumir uma turma nessa etapa do ensino. Igualmente, para *Zeca* e *Folha*, a maior dificuldade são os preconceitos.

Estes relatos se aproximam do que destaca Santos (2016, p. 29):

O que podemos refletir é que a educação infantil ainda perpetua a ideia, em sua maioria, de que é um campo de docentes femininas. As mulheres assumiram o espaço e alguns homens buscam um lugar nesse local. O que deve ser pensado é o processo hegemônico que se estabelece nesse espaço. Quem disse que a educação só pode ser feita por mulheres? O homem não pode assumir essa função somente pelo fato de ser homem? O que impede a docência masculina nessa modalidade? Como os homens podem contribuir para o desenvolvimento de crianças pequenas? O homem por natureza não serve para educar e cuidar? (SANTOS, 2016, p. 29).

Assim, pode-se perceber até mesmo nos espaços educacionais ideias sociais arbitrárias e binárias são estabelecidas, fazendo com que professores encontram barreiras para lecionar na Educação Infantil. Nessa direção *Teixeira*, *Extremo* e *Oliver* relatam sobre a falta de uma comunidade escolar que olhe para o professor sem preconceito e a falta de suporte para que homens possam atuar nessa área específica, sabe-se que há pais e mães que não têm confiança em deixar seus filhos com homens na área de educação. Para *Sudré* e *Manoel* a maior dificuldade são as críticas dos pais e mães sobre o trabalho de professores do sexo masculino e isso se dá devido a uma ascendência de mulheres atuando como professoras. Ademais, para *Ferreira*, a maior dificuldade é a falta de investimento em educação. Para ele, o homem é instruído cursar outros cursos que tem mais retorno financeiro, pois para a sociedade Educação Infantil não dá dinheiro e é coisa de mulher.

3.1.2.7 Desvalorização ou preconceito em relação a presença da figura masculina na Educação Infantil

Sobre a desvalorização ou preconceito em relação a presença da figura masculina na educação infantil, os pedagogos em formação relataram:

Sim, ou por escolha ou pior falta de aptidões, ou por conta da ideia que professores homens não tem o mesmo cuidado com as crianças vemos que os professores do sexo

masculino atuam com maior frequência nos níveis em que os estudantes já são maiores (Sudré).

Sim, devido ao patriarcado e aos valores tradicionais pregados por uma parte da sociedade (Júnior).

O preconceito acaba gerando a desvalorização dos homens nesse espaço e acaba sendo aceito que as mulheres sejam mais propícias para a sala de aula e os homens para os cargos administrativos (Pedro).

Sim, não acreditam que sejamos capazes de lidar com crianças nessa fase de ensino, muito por acharem que possa acontecer alguma situação de desrespeito para com as crianças (Madiba).

A desvalorização é geral e afeta tanto as mulheres quanto os homens. Mas a figura masculina ainda passa por preconceito não dá universidade ou da escola, mas sim da sociedade (Ferreira).

Sim excessivamente e nos processos de seleção para educação infantil (Manoel).

Lógico que sim. Tanto que é raríssimo um homem atuar em sala de aula dentro dessa especificidade (Teixeira).

Sim, há preconceito. Como disse na questão acima, muitos pais não se sentem seguros em deixar seus filhos com profissionais homens, por conta da pedofilia, abuso de menores, dentre várias outras situações, mas, a gente presidia dar confiança ao profissional e que o mesmo exerça a sua profissão (Extremo).

Sim. Existe muita desvalorização, preconceitos e julgamentos acerca da presença da figura masculina na Educação Infantil. Isso se verifica quando se chega a uma creche e não há profissionais da educação do sexo masculino enquanto professor, a única figura masculina que há nesses espaços é, em sua maioria, o porteiro. Mas no interior das salas de aula não tem professores na educação infantil. É naturalizada a ideia de que quem pode atuar naquele espaço são as profissionais mulheres, como rotineiramente temos visto (Oliver).

Ambos (Zeca).

Sim, homem não foi projetado dentro da visão social e história para ser um educador ou cuidador de crianças em nossa sociedade (Folha).

De acordo com os relatos dos pedagogos em formação há desvalorização ou preconceito em relação a presença da figura masculina na educação infantil. Para *Pedro*, o preconceito acaba gerando a desvalorização dos homens nesse espaço e há maior aceitação das mulheres em sala de aula, o que faz os homens migrarem para os cargos administrativos. Semelhantemente, segundo *Oliver* existe muita desvalorização, preconceitos e julgamentos acerca da presença da figura masculina na educação infantil, naturalizando-se a ideia de que quem pode atuar naquele espaço são profissionais mulheres. *Ferreira*, por sua vez, afirma que apesar de a desvalorização afetar tanto os homens, quanto as mulheres, a figura masculina passa por preconceitos ainda maiores em frente à sociedade. Já *Zeca* sinaliza que há tanto a desvalorização, quanto o preconceito.

Extremo diz haver preconceito e reitera sua fala notificando que muitos pais se sentem inseguros em deixar seus filhos com profissionais homens devido aos casos de pedofilia, abuso de menores, dentre outros, mas faz-se necessário dar confiança ao profissional, possibilitando que o mesmo exerça sua profissão. De igual maneira, *Madiba* diz que muitos não acreditam que os homens sejam capazes de lidar com crianças nessa fase de ensino por acharem que possa acontecer alguma situação de desrespeito. Nessa mesma direção *Júnior e Folha*, destacam que a desvalorização deve-se ao patriarcado e aos valores tradicionais pregados pela sociedade que alega que o homem não pode ser um educador ou cuidador de crianças.

Para *Sudré*, os professores do sexo masculino atuam com maior frequência nos níveis em que os estudantes já são maiores por preferência ou por ser visto sem capacidade, ou por conta da ideia que professores homens não tem o mesmo cuidado com as crianças como do sexo feminino. Já *Teixeira e Manoel* afirmaram que a desvalorização é excessiva principalmente nos processos de seleção para educação infantil e, por isso, é raro um homem atuar nesse espaço escolar dentro dessa especificidade.

Por fim, apesar do preconceito e desvalorização encontrados pelo homem ao escolher ser um professor na Educação Infantil, devido, sobretudo, a sociedade considera a mulher como mais preparada para assumir uma sala nessa área, Assis (2000, p.3) destaca que:

Em primeiro lugar, deveriam ser homens e mulheres. A discriminação que o sexo masculino sofre na área é um grande absurdo. Essa é uma fase da vida na qual a figura do homem é indispensável, principalmente pela ausência crescente do pai nas famílias. Com ou sem essa discriminação, os professores devem sempre tratar as crianças com afeto e rigor, impondo limites e abrindo horizontes. Eles têm de saber acolher, ouvir com interesse, apoiar e estimular os pequenos, levando-os a patamares mais elevados do conhecimento. Além disso, os educadores precisam ser muito curiosos e disciplinados. Por fim, é fundamental gostar das crianças, de estudar e de viver (ASSIS, 2000, p.3)

Desse modo, podemos inferir que tanto homens quanto mulheres podem atuar na Educação Infantil, contestando-se o imaginário social de que a figura masculina não se constitui como uma ameaça à criança pequena. Nesse caso, o professor do sexo masculino configura-se como um profissional cuja a formação e o profissionalismo são superiores as condições imaginárias atribuídas socialmente ao gênero.

3.1.2.8 Sugestões para solucionar as dificuldades enfrentadas pelo professor do sexo masculino

Sobre as sugestões para solucionar as dificuldades enfrentadas pelo professor do sexo masculino, os pedagogos em formação deram as seguintes respostas:

Não quero falar sobre (Júnior).

Questões como essas precisam estar vinculadas aos espaços de organização da classe trabalhadora! A organização popular tem como o principal foco o Trabalho de Base, um trabalho que é educativo, que transforma a situação concreta em que vivem, assim como as relações que temos por meio desse trabalho, acabam revelando os nossos preconceitos e fazendo-os, em algum momento, pensarmos se eles são realmente necessários. O Trabalho de Base pode ser uma Horta Comunitária, por exemplo, uma atividade como essa estaria mais voltada para pessoas do sexo masculino, certo? Já que envolve a limpeza de terreno e etc... Imagina um Trabalho de Base voltado para a Culinária com todo o coletivo de pessoas organizadas para a construção de um novo modelo de sociedade que não a capitalista? Ora, cozinhar não é coisa de homem, não é mesmo? Mas se a organização tem como princípio o trabalho coletivo, todos devem participar e por meio desse trabalho teórico e prático nos transformamos também. Precisamos partir das nossas necessidades enquanto classe explorada, trabalhadora. Não é algo fácil, mas é necessário. Percebemos que os padrões de gênero estão no cotidiano de todos nós, sendo um sintoma da sociedade capitalista, que está nos controlando por todo o tempo do nosso dia, então, que tal pensarmos em como podemos resolver um problema que está em nossa frente, primeiramente, para depois partir para algo maior? Por meio desse trabalho nós nos construímos como seres humanos, e é por meio da humanidade construída em nós que estaremos fazendo escolhas mais humanizadas também (Pedro).

Acredito que é necessária formação continuada, e a quebra do paradigma que professores homens não podem também atuar nesse nível educacional (Sudré).

Momentos formativos para que homens possam demonstrar seu potencial profissional e compromisso com a educação e a profissão escolhida. (Madiba).

Investimento forte na educação de base! (Ferreira).

Eu não sei, talvez se faça necessário trazer essa discussão para outros pares e tentar quebrar esses estigmas. O que eu tenho feito é mostrado minha competência em sala de aula e apresentando o máximo e o melhor de mim (Teixeira).

Discutir, urgentemente, sobre a presença do professor do sexo masculino na Educação Infantil, enquanto profissional habilitado para atuar nessa área. Propor diálogos sobre essa problemática junto a secretária de educação no sentido de romper com os tabus que ainda recaem sobre a atuação do professor do sexo masculino, sobretudo na área da Educação Infantil. Possibilitar a inserção desses profissionais dentro das creches e pré-escolas como professor dessa área (Oliver).

Tá de brincadeira né? Só criando uma nova geração de seres humanos (Manoel).

Contratação, inexperiência, falta de capacitação profissional... (Extremo).

Maior contato e atuação de bons profissionais masculinos para desestigmatizar essa visão (Zeca).

Aceitação da comunidade educacional da imagem masculina como um educador na área infantil e buscar desconstruir uma imagem generalizada de quem deve ser educador infantil (Folha).

Para solucionar as dificuldades enfrentadas pelo professor do sexo masculino *Pedro* sugere partir das necessidades enquanto classe trabalhadora, explorada. Por meio do Trabalho de Base, como uma horta comunitária nas escolas, pode-se mudar a realidade moldada nos padrões capitalistas e, conseqüentemente, no “papel do gênero”. Já segundo *Sudré, Madiba, Ferreira e Teixeira* a educação tem papel fundamental, dado que é necessária a formação continuada e momentos formativos para que homens possam demonstrar seu potencial profissional e compromisso com a educação e a profissão escolhida, além da necessidade de quebra do paradigma que professores homens não podem atuar nessa etapa de escolarização.

Para *Oliver* é necessário discutir, urgentemente, sobre a presença do professor do sexo masculino na Educação Infantil, enquanto profissional habilitado para atuar nessa área, tendo em vista possibilitar a inserção desses profissionais dentro das creches e pré-escolas. Semelhantemente, *Folha* afirma que deve haver aceitação da comunidade educacional da figura masculina como um educador da educação infantil, buscando pela desconstrução da imagem generalizada de quem deve ser educador infantil. Estes relatos se aproxima do que afirma Santos (2016, p. 23) “o homem tem plenas condições de favorecer o desenvolvimento da criança, pois, assim como a mulher, ele é um profissional da educação. Como pedagogo, ele tem a formação acadêmica necessária e está apto para desenvolver tais funções”.

Extremo fala sobre a necessidade de contratação da figura masculina, mesmo sem experiência, oferecendo capacitação profissional e *Zeca*, por sua vez, diz que é necessário maior contato e atuação de bons profissionais masculinos para libertar a sociedade dessa visão. Por fim, para *Manoel* a solução seria criar uma nova geração de seres humanos para conseguir resolver esses problemas.

3.1.2.9 Visão sobre a presença da figura masculina na Educação Infantil.

Os relatos a seguir revelam a visão dos pedagogos em formação sobre a presença da figura masculina na educação infantil:

Essencial (Júnior).

Isso é algo que não consigo ter uma visão muito bem elaborada. Mas eu compreendo quem não se sente bem para deixar os filhos com um professor (homem) em uma sala de aula, longe dos pais e etc., afinal, é algo que é construído socialmente e as pessoas demonstram isso enquanto sintoma de quem define e fortalece o papel do homem na sociedade capitalista. Mas, é preciso, ao mesmo tempo, considerar que hoje exige a formação para sermos pedagogos, essa formação precisa ser emancipatória, para nós, homens na Pedagogia, desconstruirmos nossos preconceitos sobre nosso papel

na sociedade, e isso nos faz ter compromisso com o nosso trabalho em uma sala de aula (Pedro).

Um bom profissional não pode ser medido se sendo homem ou mulher e sim pelo compromisso com a profissão escolhida, seja professor ou professora o que irá diferenciar o Profissional será sua estrutura corporal homem ou mulher todos podem atuar em qualquer nível educacional, basta que esse profissional tenha vontade de atuar (Sudré).

Por mais que tentam colocar como improvável, podemos atuar sim na educação infantil, caso contrário teríamos um curso no qual nos permitiria somente atuar no fundamental I (Madiba).

Acho que deveria ser normal. A questão é que ser professor no Brasil é quase um subemprego ainda mais professor de educação infantil (Ferreira).

Se na Grécia antiga homens já faziam esse trabalho, devemos evoluir para que todos os gêneros possam ter espaço nessa área de trabalho. Somos profissionais e isso não voga se o professor é homem ou mulher (Teixeira).

De equidade profissional (Manoel).

Escassa. (Extremo).

Acredito que a figura masculina neste seguimento tem muito a contribuir para a formação das crianças visto que assim como a profissional mulher, possui qualificação para desempenhar o seu papel enquanto educador dentro das creches e pré-escolas. É preciso romper tabus sociais e também de gênero que condicionam o trabalho educativo nesses espaços apenas para as profissionais mulheres como se estas fossem responsáveis pelo cuidar e educar das crianças nessa faixa etária sendo a figura masculina reprimida e não representada nesses espaços (Oliver).

Assim como em qualquer outro espaço (Zeca).

A importância é pela desconstrução e deformar essa imagem machista da educação infantil (Folha).

De acordo com *Pedro* é preciso considerar que hoje existe a formação para que um homem seja pedagogo e essa formação precisa ser emancipatória para eles na Pedagogia, desconstruindo preconceitos sobre o seu papel na sociedade, e isso faz com que a figura masculina tenha compromisso com sua função em um espaço infantil. Já para *Júnior* a presença do homem na Educação Infantil é essencial. *Madiba*, por sua vez, diz que, por mais que tentam invalidar a atuação da figura masculina, deve-se compreender que os homens podem atuar na Educação Infantil, ou de outro modo, haveria um curso específico, somente para atuar no Ensino Fundamental I. Segundo *Sudré*, um bom profissional não pode ser medido sendo homem ou mulher, e sim pelo compromisso com a profissão escolhida, todos podem atuar em qualquer nível educacional, basta que esse profissional tenha interesse em atuar. Nessa perspectiva, Teodoro (2013, p.1) afirma que “ é necessário que o profissional

tenha condições profissionais (formações inicial e continuada) para o desempenho de seus afazeres, não importando se é homem ou mulher”.

Para *Ferreira* deveria ser normal, mas o professor no Brasil é desvalorizado, com remuneração muito baixa, principalmente quando se trata de professor de educação infantil. Enquanto que *Zeca* diz que é como em qualquer outro espaço e *Manoel* fala de equidade profissional. *Oliver* acredita que a figura masculina tem muito a contribuir para a formação das crianças nos espaços de creches e pré-escolas. Para *Folha* é importante desconstruir essa imagem machista na Educação Infantil, já *Extremo* afirma que há escassez de homens atuando na Educação Infantil. De acordo com os relatos, é possível perceber que a visão a respeito da presença da figura masculina na educação infantil é heterogênea e sustentada por certa crítica, contradizendo, em certa medida, com a visão construída socialmente sobre estes profissionais.

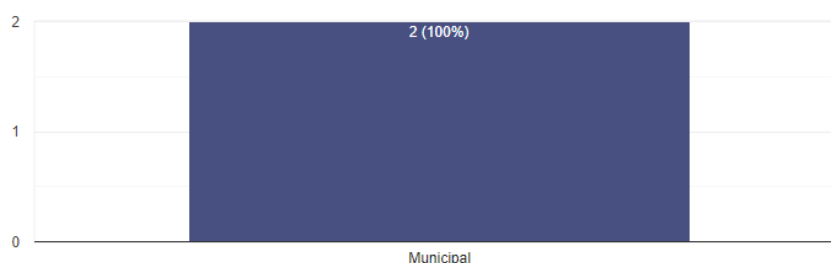
3.2 A FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES DOS PROFESSORES EM EXERCÍCIO

3.2.1 Perfil dos professores

De acordo com os dados extraídos dos questionários, os professores colaboradores possuem idade entre 37 e 42 anos. Portanto, podemos considerar que se trata de professores relativamente jovens.

3.2.2 Rede que atua

Gráfico 5 - Atuação dos professores



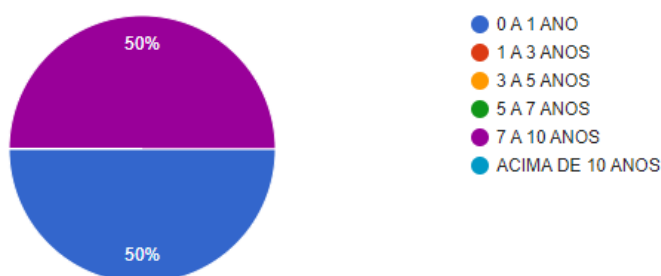
Fonte: Questionário (2022)

De acordo com o gráfico que revela a área de atuação dos professores colaboradores, ambos atuam na rede municipal de ensino. Esse dado é importante pois mostra que apesar de

poderem atuar na rede privada, os professores têm mais oportunidade de trabalhar na Educação Infantil ou na Creche na rede pública, tendo em vista, abertura de processos seletivos ou, ainda, concursos públicos.

3.2.3 Tempo de experiência em creche ou Educação Infantil

Gráfico 6 - Tempo de Experiência

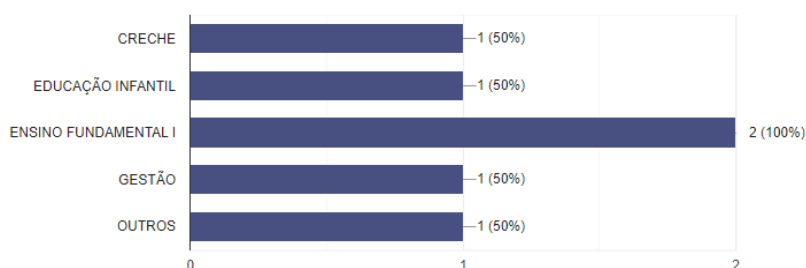


Fonte: Questionário (2022)

No caso do gráfico 2, observa-se que um dos colaboradores possui de 0 a 1 ano de experiência em creche ou Educação Infantil, enquanto o outro colaborador possui de 7 a 10 anos de experiência nestas mesmas etapas de ensino. De certo modo, esses dados são relevantes porque demonstram os modos de inserção dos professores em creche ou Educação Infantil.

3.2.4 Em quais áreas já atuou

Gráfico 7 - Área de atuação



Fonte: Questionário (2022)

Os dados do gráfico revelam que 50% dos professores em exercício atuam na Creche, 50% trabalhou na Educação Infantil, 100% atuou no Ensino Fundamental I, 50% trabalhou na gestão e 50% sinalizou a opção outros. Esses dados são relevantes porque demonstram que os colaboradores têm experiência em várias áreas e já trabalharam na Creche ou na Educação Infantil.

3.2.5 *Categorias de análise que emergiram dos questionários*

3.2.5.1 *Formação*

Sobre a sua formação, os colaboradores informaram as seguintes respostas:

Pedagogia (Machado).

Licenciatura em Letras (2010) e Licenciatura em Pedagogia (2018) (João).

De acordo com os relatos, é possível perceber que Machado possui formação em Pedagogia e João possui formação acadêmica também Pedagogia, além de Letras.

3.2.5.2 *Por que escolheu a pedagogia?*

Sobre o curso de pedagogia, os colaboradores justificaram a escolha a partir das seguintes respostas:

Porque acredito que a educação é o único meio que oportuniza a transformação social (Machado).

A Pedagogia inicialmente surgiu na minha vida como uma possibilidade de atuação profissional, principalmente para concursos, uma vez que normalmente é uma área que há mais demandas/vagas. Minha primeira formação foi em Letras e, neste período (entre o término do curso de Letras e o início do curso de Pedagogia) as possibilidades que surgiram foram tímidas. Assim, ao pensar em uma outra formação, vi na Pedagogia maiores chances de ser aprovado em concurso, além das oportunidades de atuação em outros espaços que não escolares, como por exemplo, atuar na função de pedagogo em hospitais e em órgãos do Ministério Público, Defensoria Pública, INSS dentre outros (João).

Conforme os relatos, nota-se que a escolha pelo curso se deu a partir de motivos distintos. João relata que a pedagogia surgiu em sua vida como uma possibilidade de atuação profissional, principalmente para concursos, uma vez que, normalmente, é uma área com mais

demandas (vagas), além de oportunidades de atuação em outros espaços não escolares. Assim, nota-se que a escolha pelo curso, por vezes, deve-se a ampliação da área de atuação para além da escola, em cargos desenvolvidos, anteriormente, por profissionais formados em outras áreas acadêmicas (PASSOS *et al.*, 2022).

Já para *Machado*, a sua escolha deve-se ao fato de a educação ser o único meio de transformar a sociedade. Nesse sentido, segundo Silva e Delgado (2018, p. 18) “A função da educação é transformar sujeitos e mundo em algo melhor”, ou seja, por meio da educação, os professores podem mudar o rumo da sociedade ao proporcionar o desenvolvimento do educando de forma integral, através da sua prática docente crítica e engajada.

3.2.5.3 Interesse em trabalhar na Educação Infantil.

Em relação ao interesse em trabalhar na Educação Infantil, os pedagogos escolheram atuar nessa área devido a disponibilidade de vagas para atuação, conforme as respostas abaixo:

A necessidade que surgiu na Unidade Escolar do profissional, para lecionar a turma (Machado).

Trabalhar na Educação Infantil (creche) não foi uma escolha minha, ela aconteceu um tanto de forma compulsória. Fui convocado em um concurso público e automaticamente direcionado para um Centro de Educação Infantil, não tive a opção de escolha, até porque todas as vagas disponíveis para atuação eram na creche. Apesar de saber que o pedagogo está habilitado para atuar na Educação Infantil, jamais imaginaria que um dia iria atuar nesta etapa da Educação Básica. (João).

Assim, é possível compreender que o interesse em trabalhar na Educação Infantil se deu, para ambos, a partir da demanda de docentes nessa área e não, pontualmente, por vontade própria, pois *Machado* afirma que sua escolha deve-se à necessidade da Unidade Escolar de um educador para lecionar uma turma e *João* declara que não foi uma escolha sua trabalhar na Educação Infantil, mas sim porque foi direcionado, ao ser convocado em um concurso público, para um Centro de Educação Infantil, e por não ter outra opção aceitou. Dessa maneira, nota-se que as dificuldades enfrentadas pela figura masculina na Educação Infantil fazem com que homens não optem por esse espaço como um local de atuação e, quando existe a presença deles é devido à concursos ou demandas (SILVA, 2014).

3.2.5.4 Discussões ou propostas de formação sobre a inserção da figura masculina na Educação Infantil.

A respeito das discussões ou propostas de formação sobre a inserção da figura masculina na educação infantil, os pedagogos deram seu ponto de vista:

Infelizmente na graduação não houve esse foco, na abordagem do profissional masculino na educação infantil, até porque nos formamos para ensinar então a caminhada do profissional é que vai dando o direcionamento para o desenvolvimento das habilidades no público, que deseja lecionar (Machado).

Durante a minha graduação não tive acesso a nenhuma discussão ou proposta de formação que tratasse sobre a figura masculina na Educação Infantil (João).

Conforme os relatos, pode-se perceber que ambos os colaboradores, durante sua formação em Pedagogia, não tiveram contato com discussões sobre a figura masculina da Educação Infantil. Por isso, segundo *Machado*, as habilidades específicas da docência na Educação Infantil foram adquiridas durante sua caminhada profissional. Nesse sentido, Hentges (2013, p. 35) afirma que:

[...] na maioria das vezes, a formação inicial em pedagogia e nas demais licenciaturas, não aborda as relações de gênero em seu currículo. Existe uma ausência de discussões sobre essa temática. Os direitos sexuais e reprodutivos, equidade de gênero, as diferentes formas de vivenciar a sexualidade, sentimentos, emoções ainda não ganharam espaço nem nos currículos de formação docente, nem nos currículos escolares (HENTGES, 2013, p. 35).

Então, nota-se que ainda hoje há fragilidade quanto as discussões e propostas de formação sobre a figura masculina na Educação Infantil durante a graduação, apesar de sua importância e relevância destacada pelos pedagogos em formação e por aqueles que já atuam na profissão.

3.2.5.5 Experiência como pedagogo na Educação Infantil

Acerca da experiência como pedagogo na Educação Infantil, os professores apresentaram os seguintes relatos:

Ótimo, muito prazeroso, porque é uma descoberta ao ser precursor em apresentar as crianças o mundo das letras, números, imaginação e outros (Machado).

Está sendo tudo muito novo pra mim. De início o medo, o espanto e a insegurança tomaram conta. Confesso que pensei em até desistir. Os primeiros dias foram tensos, apesar de ter iniciado de forma remota. Atuar na Educação Infantil requer "jeito", pois exige um trato diferente com as crianças, seja na forma de falar, brincar e de ensinar, então tive que aprender tudo isso. Tive que me despir de todo protótipo de professor que havia sido moldado. Hoje, após 4 meses de atuação me sinto mais

confiante, digamos que já aprendi um pouco a lidar com as questões que envolvem o universo infantil com mais segurança e leveza. Já me sinto seguro em planejar as aulas, em dialogar e brincar com as crianças e desenvolver as atividades pedagógicas. Está sendo uma experiência prazerosa, apesar dos desafios. A cada dia me converto em um professor da Educação Infantil (João).

De acordo com os relatos dos pedagogos, a experiência na Educação Infantil foi, em certo aspecto, para ambos, positiva, dado que para *Machado* é muito prazeroso fazer parte do processo educativo das crianças. Em alguma medida, no caso da docência, conforme *Alves* (2006, p. 7) “O amor e o prazer no trabalho são identificados como a principal e indispensável motivação para a busca de aprimoramento profissional, subordinando até mesmo a busca de formação e profissionalização”. Por isso, segundo *João*, apesar de inicialmente ter medo, espanto e insegurança, com o passar do tempo a experiência tornou-se prazerosa.

3.2.5.6 Escassez da figura masculina na Educação Infantil

Sobre a escassez da figura masculina na educação infantil os pedagogos registram as seguintes respostas:

Com certeza há, isso devido a ignorância de alguns administradores das escolas que não contrata este profissional no setor privado, porém no âmbito público é que encontramos esporadicamente esse profissional. No entanto, tem homens que não se vê ensinando crianças na educação, por isso a escassez deste professor (Machado).

Acredito que predomina um certo preconceito/tabú em relação a figura masculina na Educação Infantil. Parece que se criou a ideia de que só mulheres podem ou possuem "jeito" com crianças. Como se o homem fosse incapaz de exercer a docência com as crianças da Educação Infantil. Acho que também há uma resistência por parte dos pais, uma falta de confiança. Há uma certa desconfiança de como o professor irá cuidar e tratar dos seus filhos. Normalmente, na Educação Infantil, principalmente na creche a função do professor "extrapola" o pedagógico, onde muitas vezes o professor tem que levar a criança ao banheiro, dar banho, trocar de roupa, dar comida, colocar pra dormir etc. e, tudo isso causa um certo receio e estranheza, o que reforça esse preconceito/tabú (João).

Através do relato de *Machado*, pode-se perceber que para ele a escassez da figura masculina na Educação infantil deve-se à falta de conhecimento de alguns administradores das escolas privadas que não contratam esse profissional, além de homens não quererem ensinar crianças pequenas. *João*, por sua vez, acredita que predomina o preconceito/tabú em relação a figura masculina na educação infantil e, por isso, há resistência por parte dos pais, sobretudo com relação a parte do cuidar, o que corrobora para essa escassez.

Portanto, observa-se que a escassez se deve ao fato da presença do homem na docência da Educação Infantil envolver questionamentos e até renúncia com relação ao seu trabalho, pelo

fato da sociedade acreditar que apenas mulheres podem trabalhar nessa área (BRITO; NASCIMENTO; SILVA, 2018).

3.2.5.7 Dificuldades encontradas pelo professor do sexo masculino.

Sobre as dificuldades encontradas pelo professor do sexo masculino, os pedagogos justificaram essas dificuldades a partir das seguintes respostas:

A dificuldade é se ele não tiver um apoio de uma gestão escolar, para ter o olhar sensível da figura dele sala de aula. E o suporte da auxiliar de classe, para que eles trabalhem em parceria (Machado).

Acredito que a aceitação dos pais é a maior dificuldade. Muitos não visualizam com "bons" olhos que seus filhos pequenos tenham como professor a figura masculina. Mas não podemos negar que a formação também é um fator que gera dificuldades na atuação da figura masculina na Educação Infantil. Os cursos não discutem ou apresentam pautam que abordem essas possibilidades (João).

De acordo com o relato de *Machado*, as dificuldades encontradas pelo professor do sexo masculino são ocasionadas pela falta de apoio da comunidade escolar, ou seja, falta um olhar sensível e profissional em relação a presença da figura masculina em sala de aula. Para *João*, a aceitação dos pais é a maior dificuldade, dado que eles não aprovam o fato de seus filhos pequenos tenham como professor uma figura masculina. Com relação a isso, Silva (2014, p. 16) afirma que:

Esse profissional mesmo apresentando uma boa formação acadêmica dificilmente consegue trabalhar nesta área a não ser que seja através de concurso público, mesmo assim, tendo que lidar com preconceitos, tendo que provar diariamente sua capacidade e “verdadeiras intenções” devido a estar atuando junto às crianças de pouca idade, enfrentando várias reações negativas dos pais, as críticas do corpo docente da escola, o modo como a sociedade o vê, e questões relacionadas ao cuidar e o ensinar (SILVA, 2014, p. 16).

Então, observa-se que por mais preparado que o professor do sexo masculino esteja, devido ao pensamento da sociedade que eles oferecem perigo às crianças pequenas, tais professores encontram dificuldades tanto com a família, quanto com a própria gestão escolar.

3.2.5.8 Desvalorização ou preconceito em relação a presença da figura masculina na Educação Infantil.

A respeito da desvalorização ou preconceito em relação a presença da figura masculina na educação infantil, os pedagogos ponderam que:

Não (Machado).

Julgo que sim! No ano de 2020 fui convocado em um outro concurso público e, ao sermos direcionados para a escolha da turma, a equipe técnica e pedagógica da Secretaria Municipal de Educação perguntou quem tinha interesse em assumir na Educação Infantil. Antes mesmo que a gente (os 5 professores pedagogos convocados) se manifestasse, a equipe da secretaria sinalizou que os professores homens não poderiam escolher a Educação Infantil, só mulheres (João).

Nas respostas, identifica-se que enquanto Machado não identifica desvalorização, nem preconceito com relação a presença da figura masculina na educação infantil, *João* relata uma experiência vivida em outro município em que a equipe da secretaria indicou que os professores homens não poderiam escolher a Educação Infantil como área de atuação, apesar de ser convocado em um concurso público. Desse modo, observa-se que, atualmente, há preconceitos dentro da própria organização escolar que partem dos próprios colegas de trabalho, permitindo que profissionais capacitados sofram (SILVA, 2014, p. 31). De certa maneira, essa situação contraria a afirmação de Hentges (2013), quando destaca que, para ser professor é necessário adquirir competências e habilidades através do processo de formação e de prática do exercício da docência, isso independente do gênero, portanto, as competências de trabalhar com as crianças não são apenas atribuídas as mulheres.

3.2.5.9 Sugestões para solucionar as dificuldades enfrentadas pelo professor do sexo masculino.

Sobre as sugestões para solucionar as dificuldades enfrentadas pelo professor do sexo masculino, os pedagogos declaram:

Parceria da equipe gestora com o professor, olhar carinhoso, comprometimento de todos na educação dos alunos (a) s. E não podemos esquecer de que o professor tem que gostar do que faz (Machado).

Acredito que a formação constitui como um elemento principal para a solução dessas dificuldades. Incluir nos currículos, nas pautas e nas discussões dos cursos de Pedagogia sobre a atuação da figura masculina na Educação Infantil é necessária. É preciso desconstruir esse preconceito e essa ideia de que a Educação Infantil deve ser ocupada apenas por professoras mulheres. É preciso também "formar" os pais e a comunidade, uma vez que esse preconceito e resistência também partem deles. A escola precisa dar espaço a figura masculina na Educação Infantil e, mostrar que independente do sexo, o professor homem tem a capacidade de desenvolver um excelente trabalho junto às crianças (João).

De acordo com os relatos dos pedagogos, a sugestão de *Machado* para solucionar as dificuldades enfrentadas pela figura masculina é a parceria da equipe gestora com o professor. Já para *João*, o principal elemento é a formação, além da desconstrução do preconceito e da ideia de que a Educação Infantil deve ser ocupada apenas por professoras. Para ele ainda se faz necessário conversar com os pais e a comunidade, uma vez que esse preconceito e resistência também partem deles. Então, “deve-se romper os preconceitos produzidos culturalmente, cujo pensamento é de que só as mulheres são capazes de trabalhar na educação infantil, seja fora ou dentro das instituições” (SILVA, 2014, p.14).

3.2.5.10 Visão sobre a presença da figura masculina na Educação Infantil.

A respeito da visão sobre a presença da figura masculina na educação infantil os pedagogos relataram:

Normal é um profissional como qualquer outro (Silvio).

A minha visão é que é um espaço ainda pouco ocupado e, em tempos de rupturas isso se torna ainda mais urgente. É preciso que mais homens atuem na Educação Infantil para rompermos com esse tabu (João)

Pode-se perceber que a visão sobre a figura masculina para os colaboradores é distinta, pois enquanto *Machado* diz que o homem nesse ambiente é um profissional como qualquer outro, para *João* é um espaço ainda pouco ocupado sendo necessário que mais homens atuem na Educação Infantil para haja ruptura desse tabu. Por isso, deve-se desconstruir a ideias, através das ações escolares, de que a Educação Infantil é um espaço apenas para o gênero feminino (OLIVEIRA; SOUZA; NASCIMENTO, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, ficou evidente que, ainda nos dias de hoje, existe resistência e preconceito em relação a presença masculina nos ambientes escolares, que é proporcionalmente elevada quando nos dirigimos a Educação Infantil. Possivelmente, resistência a homens atuando como professores em creches e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, seja ainda o reflexo das atribuições de gênero que socialmente foram construídas. Quando cogitado aos estudantes sobre a possibilidade de atuação na Educação Infantil, ficou evidente que esse espaço é considerado pela sociedade como um campo reservado às mulheres, apresentando posicionamentos distintos entre os colaboradores que reafirmam a existência de preconceito.

Em seu conjunto a pesquisa proporcionou trazer em pauta a temática reflexões sobre a figura masculina na Educação Infantil e ensejar a percepção e reflexão de que ainda o preconceito se faz presente. Observou-se a partir dos relatos e do aporte teórico utilizado que a sociedade ainda associa funções profissionais ao gênero, quando na verdade o que deve ser levado em conta é a responsabilidade e o profissionalismos dos professores. Desse modo, o estudo revelou que a presença do professor do sexo masculino na Educação Infantil atualmente tem sido permitida através da criação de concursos públicos que os deram a possibilidade de exercer o magistério, porém ainda há discriminações causadas por gênero nesse espaço.

Ainda de acordo com a pesquisa realizada, é possível inferir que apesar dos estudantes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFRB enfrentarem preconceitos por questões relacionadas a gênero, uma grande parcela deles tenciona seguir a profissão encarando obstáculos e resistindo contra a discriminação ainda existentes na escola e na sociedade. De acordo com os relatos, é possível perceber que a visão a respeito da presença da figura masculina na educação infantil é heterogênea e sustentada por certa crítica, contradizendo, de algum modo, com a visão construída socialmente sobre estes profissionais.

Aos demais que futuramente poderão vir a ter como base esse trabalho de pesquisa, que possam construir novos dados e fazer comparações com a presente pesquisa apresentada para adquirirem novas análises e, possivelmente outros resultados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vasni de. História da educação: narrativas de suas trajetórias. In: VASNI DE ALMEIDA. **História da educação e método de aprendizagem em ensino de história**. Palmas: EDUFT, 2018. p. 19-62. Disponível em: <https://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/1293/1/Hist%C3%B3ria%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20m%C3%A9todos%20de%20aprendizagem%20em%20ensino%20de%20Hist%C3%B3ria%20-%20Vasni%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 14 maio 2022.

ALVES, Nancy Nonato de Lima. **AMOR À PROFISSÃO, DEDICAÇÃO E O RESTO SE APRENDE**. 2006. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/gt07-2570.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ANDRÉ, Marli. O QUE É UM ESTUDO DE CASO QUALITATIVO EM EDUCAÇÃO? **Revista da Faeeba - Educação e Contemporaneidade**, [S.L.], v. 22, n. 40, p. 95-103, 29 maio 2014. Revista da FAEEBA. <http://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v22.n40.753>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311361132_O_QUE_E_UM_ESTUDO_DE_CASO_QUALITATIVO_EM_EDUCACAO#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20um%20estudo%20de%20caso%20qualitativo%20em%20educac%C3%A3o%3F,-Revista%20da%20FAEEBA&text=aquele%20em%20que%20o%20caso,uma%20pol%C3%ADtica%20no%20cotidiano%20escolar.. Acesso em: 29 maio 2022.

ARAÚJO, Messias Pereira; HAMMES, Care Cristiane. A ANDROFOBIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, Paranaíba, v. 3, ed. 7, p. 5-20, 2012.

ASSIS, Regina de. A educação infantil dá retorno. *Educação Infantil*, São Paulo, ed. 32. Entrevista concedida a Denise Pellegrini.

BASSO, Itacy Salgado. **Significado e sentido do trabalho docente**. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Sc7BRSNfgRFsvLMyYTP9Fzf/?lang=pt#>. Acesso em: 16 jul. 2022.

BÖHM, Bianca Camacho de Almeida; CAMPOS, Míria Izabel. ATUAÇÃO DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM ESTADO DA ARTE SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA. **Horizontes**, Dourados, v. 1, ed. 1, p. 59-72, janeiro a junho de 2013.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEF, 1998. vol. I, vol. II.

BRITO, Andrieli; NASCIMENTO, Fernanda Caroline; SILVA, Monique Soares. A ESCASSEZ DA FIGURA MASCULINA NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTA. **Reflexões sobre escravidão moderna, migrações e ditaduras na literatura contemporânea**, [s. l.], v. 2, ed. 4, p. 307-330, Jul/Dez -2018 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/1957/pdf>. Acesso em: 14 maio 2022.

CARVALHO, Ana M. A, PEDROSA, Maria Isabel, ROSSETTI-FERREIRA, Maria C. **Aprendendo com a criança de zero a seis anos**. São Paulo: Cortez, 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, abr. 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37416210.pdf>. Acesso em: 29 maio 2022.

COSTA, Thais Pereira; SILVA, Maria Miraíre Pereira; BESSA, Valkiria Tatiane Pereira; CALDAS, Fernandes Pereira. **A HISTÓRIA DA PROFISSÃO DOCENTE: IMAGENS E AUTOIMAGENS.**: iandra fernandes pereira caldas. Iandra Fernandes Pereira Caldas. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/setepe/2014/Modalidade_1datahora_30_09_2014_11_06_31_idinscrito_902_d4dbe7099d5ff20d4fd377156a2a2bd1.pdf. Acesso em: 13 maio 2022.

CUSATI, Iracema; SANTOS, Neide Elisa Portes dos; CUSATI, Raphael Campos. Metodologia qualitativa nas pesquisas em Educação: ensaio a partir dos estudos sobre formação e desenvolvimento profissional docente. **Conjecturas**, [S.L.], v. 21, n. 7, p. 335-351, 14 dez. 2021. Uniao Atlantica de Pesquisadores. <http://dx.doi.org/10.53660/conj-423-216>.

DABOÍN, María Mercedes Gómez. **MOTIVAÇÕES DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA PARA A ESCOLHA DA PROFISSÃO DE PROFESSOR**. 2019. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019. Disponível em: http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/910/2/FINALdiserta%C3%A7%C3%A3o_Word.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.

FARIAS , FERNANDA GOMES DE ANDRADE. Educação Infantil brasileira: uma história em construção. In: FARIAS , FERNANDA GOMES DE ANDRADE. **PANORAMA DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: UM ESTUDO A PARTIR DOS GRUPOS DE PESQUISA CADASTRADOS NO DGP/CNPq**. Orientador: Profa. Dra. Maria do Carmo Xavier. 2021. Tese (Mestre em Educação) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, CAMPINA GRANDE, 2021. p. 128. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/23611/1/FERNANDA%20GOMES%20DE%20ANDRADE%20FARIAS%20-%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%2028PPGED%29%202021.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Ilustrado**. 1.ed. Curitiba: Positivo.

GIBIM , Robson; LESSA, Patrícia. **HOMENS QUE CUIDAM: POR UMA POLÍTICA DE IGUALDADE DE GÊNERO NO CUIDADO DE CRIANÇAS PEQUENAS**. **Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, Londrina, 2011.

HENTGES, Karine Jacques. **As relações de gênero e a docência masculina na educação infantil**. 2013. 72 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pesquisa em Movimento Humano, Sociedade e Cultura, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2013. Disponível

em:

https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/179/Hentges_Karine_Jacques.pdf?sequence=1. Acesso em: 05 jul. 2022.

LOPES, Sergio Luiz. Educação brasileira no século XIX: Um olhar crítico sobre o ensino do campo. In: X COLÓQUIO INTERNACIONAL, 10., 2016, São Cristóvão. **Anais [...]**. Aracaju: Educon, 2018. p. 1-10. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8982/11/Educacao_brasileira_no_seculo_xix_um_olhar_critico_sobre_o_ensino_campo.pdf. Acesso em: 13 maio 2022.

LOPES, Sonia de Castro. A PROFISSÃO DOCENTE EM PERSPECTIVA HISTÓRICA. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 3-7, jul. 2013.

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de. Era Vargas: a Educação como Instrumento Político. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, [s. l.], v. 14, ed. 50, p. 835-853, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.14295/idonline.v14i50.2481>. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/viewFile/2481/3883>. Acesso em: 14 maio 2022.

MOTA, Janine da Silva. UTILIZAÇÃO DO GOOGLE FORMS NA PESQUISA ACADÊMICA. **Revista Humanidades e Inovação**. v.6, n.12 - 2019, p. 372-380.

NASCIMENTO, Edaniele Cristine Machado do. PROCESSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: EDUCAÇÃO OU ASSISTÊNCIA?. **Formação de professores, complexidades e trabalho docente**, [s. l.], p. 17439-17455, 2015.

OLIVEIRA, Danielle de *et al.* A PRESENÇA DA FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: desafios e perspectivas na sociedade contemporânea. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 51-66, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/24940/17284>. Acesso em: 03 jun. 2022.

OLIVEIRA, Márcio de; SOUZA, Marinês Viana de; NASCIMENTO, Jefferson Araújo do. Docência masculina na Educação Infantil: percepções de pedagogos egressos do curso de licenciatura em pedagogia da universidade federal do amazonas. **Educação, Ciência e Cultura**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 145, 30 nov. 2020. Centro Universitario La Salle - UNILASALLE. <http://dx.doi.org/10.18316/recc.v25i3.6589>.

PASSOS, Acherle Varela *et al.* A PEDAGOGIA ORGANIZACIONAL: UM CAMPO DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO PARA ALÉM DO ÂMBITO ESCOLAR? Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2407696/PASSOS%3B+LEA~O%3B+GOMES+-+2014.1.pdf/6ef97002-4ebb-4ea7-b69b-a881c68e562c>. Acesso em: 14 jul. 2022.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor Homem na Educação Infantil: A Construção de uma Idetidade**. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/9980/Publico-MariaArleteBastos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 jun. 2022.

RAMOS, Joaquim. EM BUSCA DA GÊNESE DO MODELO INSTITUCIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL. *In*: RAMOS, Joaquim. **UM ESTUDO SOBRE OS PROFESSORES HOMENS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE**. Orientador: Profa. Dra. Maria do Carmo Xavier. 2011. Tese (Mestre em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011. p. 140.

SANTOS, Guilherme Rodrigues dos. **O HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A busca de um lugar num espaço ainda feminino**. 2016. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Pós Graduação em Gênero e Diversidade, Universidade Federal de Minas Gerais, Governador Valadares, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/33192/1/MONOGRAFIA%20-%20GDE%20-%20OK%20%282%29.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SILVA, Angela Cristina Gomes da. **REFLEXÕES SOBRE O PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2014. 34 f. Monografia (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/Monografia.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SILVA, Eva Alves da; DELGADO, Omar Carrasco. O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E A PRÁTICA DOCENTE: REFLEXÕES. **Espaço Acadêmico**, [s. l], v. 8, n. 2, p. 40-52, 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/04/revista-espaco-academico-v08-n02-artigo-03.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022.

SILVA, José Ricardo; SOUSA, Fabiana Lohani de. ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL. **Colloquium Humanarum**, [s. l.], v. 14, ed. Especial, p. 188-194, Jul-Dez 2017. DOI 10.5747/ch.2017.v14.nesp.000941. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2017/suplementos/area/Humanarum/4%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o/ASPECTOS%20HIST%C3%93RICOS%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

STOCKMANN, Daniel. BREVE HISTÓRIA DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE NO BRASIL. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 5, n. 10, p. 105-123, jul. 2018.

TEODORO, Luciano Gonçalves. **COMO O PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL TRABALHA O BINÔMIO CUIDAR/EDUCAR**. 2013. Disponível em: https://api3.baraodemaua.br/media/17453/2019-09-03-03-51-31_6c9ef345641d569974c1e0a7848e9b4a50dd3e42.pdf. Acesso em: 18 jul. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

QUADRO DE ANÁLISE DAS QUESTÕES ABERTAS DOS QUESTIONÁRIOS

CATEGORIA	RESPOSTA	SÍNTESE DA ANÁLISE	SUPORTE TEÓRICO

Fonte: Elaboração da Autor (2022)